



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES/PROF-ARTES

Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

EVARISTA BARBOSA GUIMARÃES MARTINS

CAFÉ COM ARTE CONTEMPORÂNEA:

Tramas e Poéticas para as Artes Visuais no Ensino Médio

SÃO LUÍS – MA

2020

EVARISTA BARBOSA GUIMARÃES MARTINS

CAFÉ COM ARTE CONTEMPORÂNEA:

Tramas e Poéticas para as Artes Visuais no Ensino Médio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, do Mestrado Profissional (PROF-ARTES) da Universidade Federal do Maranhão, como cumprimento de exigência para obtenção do título de mestra em Arte.

Linha da Pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Portal Domingo.

SÃO LUÍS – MA

2020

Martins, Evarista Barbosa Guimarães.

Café com arte contemporânea: tramas e poéticas para as artes visuais no Ensino Médio / Evarista Barbosa Guimarães

Martins. - 2020.

109 f.

Orientador(a): Reinaldo Portal Domingo.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Rede - Prof-Artes em Rede Nacional/CCH, Universidade Federal do Maranhão, São Luís- MA, 2020.

1. Arte Contemporânea. 2. Arte maranhense. 3. Encontro com artistas. 4. Ensino das Artes Visuais. I. Domingo, Reinaldo Portal. II. Título.

EVARISTA BARBOSA GUIMARÃES MARTINS

CAFÉ COM ARTE CONTEMPORÂNEA:

Tramas e Poéticas para as Artes Visuais no Ensino Médio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, do Mestrado Profissional (PROF-ARTES) da Universidade Federal do Maranhão, como cumprimento de exigência para obtenção do título de mestra em Arte.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Reinaldo Portal Domingo

Orientador

PROFARTES – UFMA

Prof^a. Dr^a. Elisene Matos

PROFARTES – UFMA – MEMBRO INTERNO

Prof.^a Dr.^a Veraluce da Silva Lima

UFMA – MEMBRO EXTERNO

Prof. Dr. Marco Aurélio Aparecido Silva

UFMA – SUPLENTE

*À minha família, meus amores, minha
proteção diante das surpresas e
adversidades durante a minha jornada.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por este momento ímpar, permeado de valorosos aprendizados.

À minha mãe, Maria Barbosa Guimarães (*in memoriam*), a quem dedico as minhas conquistas, e ao meu pai Evaristo Guimarães. Sou eternamente grata aos dois.

Ao meu parceiro na vida, Ivanildo Santos Martins; aos meus filhos, Laura Roberta e Heitor, pela paciência e apoio nos momentos cruciais de produção deste trabalho.

Ao meu orientador, Professor Reinaldo Portal, pela sua atenção e estímulo durante a pesquisa. Gratidão pela oportunidade de ter realizado este trabalho sob a sua orientação no PROF-ARTES/UFMA.

Ao professor Marcus Ramúsyo Brasil, pelas orientações valorosas para esta pesquisa.

A Sileni Pinto, pelas inúmeras conversas significativas, permeadas de carinho e amizade.

A Fernanda Zaidan, pela atenção e dicas essenciais para minha aprovação no PROF-ARTES/UFMA.

A todos os professores do PROF-ARTES/UFMA, pelos ensinamentos e acolhimento. Ao secretário Alex e estagiárias, agradeço pelo profissionalismo e gentileza de sempre.

Aos colegas de trabalho, que contribuíram durante a pesquisa e aos alunos das turmas 202 e 203, ano 2019, do CE Cidade Operária I, peças fundamentais da referida pesquisa.

Aos artistas Edi Bruzaca, Maria Zeferina, Dinho Araújo e João Carlos, pela atenção e por aceitarem o convite de compartilharem vivências significativas.

Aos companheiros da terceira turma de mestrado PROF-ARTES/UFMA, pelos vários momentos de aprendizagens compartilhados durante essa caminhada. Especialmente a Elma Ferreira, Andréa Lúcia, Socorro Alves, Beto Nicácio, Risolange Oliveira, Marilú Araújo e Silvia Lílian.

Gratidão a João Carlos, pelas conversas e contribuições preciosas durante todo o mestrado.

A Márcia Cristina Dourado, pela amizade e importantes considerações.

A Concita C. Sousa, pelas conversas significativas e sorrisos compartilhados.

Agradeço aos meus irmãos e a todos que me incentivaram, de alguma maneira, na busca pelas minhas conquistas e pela realização dessa pesquisa.

*Não tenho um caminho novo, o que
tenho de novo é um jeito de caminhar.*

Thiago de Mello.

RESUMO

Apresentamos uma pesquisa que tem a proposta de contribuir para o ensino e aprendizagem da arte visual contemporânea no Ensino Médio. O objetivo geral da pesquisa “Café com Arte Contemporânea: Tramas e Poéticas para Artes Visuais no Ensino Médio” foi aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem da arte visual contemporânea, a partir do diálogo entre os artistas visuais locais e os alunos, potencializando a reflexão sobre a diversidade das linguagens, materialidades e temas da produção artística contemporânea. Utilizamos a metodologia de pesquisa-ação participante, numa abordagem quali/quantitativa, linha exploratório-descritiva, pautada em procedimentos de coleta de dados, por meio de questionários e relatos de experiências junto aos alunos. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos do Centro de Ensino Médio Cidade Operária I, na periferia de São Luís. A pesquisa está dividida em etapas: inicialmente aconteceram leituras de textos, apresentação de imagens impressas e em vídeo, a partir das quais foram abordadas a conceituação da arte, a estética contemporânea, a vida e as obras dos artistas visuais locais; em seguida, foram realizadas visitas às exposições em galerias de arte e/ou centros culturais de arte contemporânea e encontros com artistas visuais locais na escola. O projeto teve a duração de seis meses, culminando com produções de trabalhos plásticos, quando os alunos tiveram a oportunidade de elaborar projetos poéticos que foram apresentados ao longo da pesquisa para a comunidade escolar.

Palavras-chave: arte contemporânea; metodologia; arte maranhense, encontro com artistas.

ABSTRACT

We present research that aims to improve the teaching and learning of contemporary visual art in high school. The general objective of the research project Coffee with Contemporary Art: Plots and Poetics for Visual Arts in High School will be to improve the teaching process learning the contemporary visual art from the dialogue between local visual artists and students. Empowering the reflection on the diversity of languages, materialities and themes of contemporary artistic production. We used the participatory action research methodology, in a qualitative / quantitative approach, exploratory-descriptive line, based on data collection procedures, through questionnaires reports of experiences with students. The research subjects will be students from Cidade Operária I High School Center, on the outskirts of São Luís. The research project is divided into stages where initially readings of texts, presentation of printed images and video will be addressed, where the conceptualization will be addressed. art, contemporary aesthetics, life and works of local visual artists. Visits to exhibitions in art galleries and / or cultural centers of contemporary art and meetings with local visual artists in school. It should last six months, culminating in plastic works productions where students will have the opportunity to elaborate poetic projects that will be presented throughout the research for the school and family community.

Keywords: contemporary art; methodology; Maranhão art, meeting with artists.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “A Fonte”, Marcel Duchamp, 1917.....	23
Figura 2 – Detalhe da obra “Opalka 1965/1”	27
Figura 3 – Detalhe da obra “Opalka 1965/1”	27
Figura 4 – Imemorial, 1994.....	29
Figura 5 – Imemorial, 1994.....	29
Figura 6 – “Marias”, 2016	31
Figura 7 – “Livre”, 2018	31
Figura 8 – Detalhe da Intervenção Artística “Cardume de peixes, cardume de gente”	33
Figura 9 – Detalhe da Intervenção Artística “Cardume de peixes, cardume de gente”	33
Figura 10 – “Caminhando”, 1964. Ligia Clark.....	36
Figura 11 – “Parangolé”, p. 4. Capa nº1.1964.....	36
Figura 12 – Série Bastidores, Rosana Paulino,1997	40
Figura 13 – Série Bastidores, Rosana Paulino,1997	40
Figura 14 – Intervenção artística “Escuto histórias de amor”.....	41
Figura 15 – Intervenção artística “Escuto histórias de amor”.....	41
Figura 16 – “Porta de geladeira”, João Carlos Pimentel	44
Figura 17 – “Porta de geladeira”, João Carlos Pimentel	44
Figura 18 – “Happy day”, Régis.....	44
Figura 19 – “Happy day”, Régis.....	44
Figura 20 – Alunos na Exposição “Poéticas do Infinito”. Cantoni-Crescente, 2019	70
Figura 21 – Alunos na Exposição “Poéticas do Infinito”. Cantoni-Crescente, 2019	70
Figura 22 – Alunos na Exposição “Poéticas do Infinito”. Cantoni-Crescente, 2019	71
Figura 23 – Alunos na Exposição “Poéticas do Infinito”. Cantoni-Crescente, 2019	71
Figura 24 – Alunos e o artista Edi Bruzaca na Exposição “Riscos e Rabiscos”, 2019	72

Figura 25 – Alunos e professoras Léa Azevedo e Evarista Guimarães na Exposição “Riscos e Rabiscos”, 2019.....	73
Figura 26 – Alunos na Exposição “Riscos e Rabiscos”, 2019	73
Figura 27 – Alunos e a artista Maria Zeferina	74
Figura 28 – Alunos e a artista Maria Zeferina	76
Figura 29 – Experiências com o artista Dinho Araújo	77
Figura 30 – Experiências com o artista Dinho Araújo	77
Figura 31 – Experiências com o artista Dinho Araújo	77
Figura 32 – Experiências com o artista Dinho Araújo	77
Figura 33 – Cartaz da Exposição “Olhares sobre o Cotidiano”	78
Figura 34 – Artista João Carlos Pimentel na Exposição “Olhares sobre o Cotidiano”	78
Figura 35 – Alunos da turma 203 em processo de criação da performance.....	81
Figura 36 – Alunos da turma 203 em processo de criação da performance.....	81
Figura 37 – Alunos da turma 202 em processo de criação da performance.....	82
Figura 38 – Alunos da turma 202 em processo de criação da performance.....	82
Figura 39 – Alunos da turma 202 em processo de criação da performance.....	82
Figura 40 – Alunos da turma 202 em processo de criação da performance.....	83
Figura 41 – Alunos da turma 202 em processo de criação da performance.....	83
Figura 42 – Alunos da turma 203 em processo de criação da performance.....	83
Figura 43 – Alunos da turma 202 no dia da apresentação da performance “Eu sou você”	85
Figura 44 – Alunos da turma 202 no dia da apresentação da performance “Eu sou você”	86
Figura 45 – Alunos da turma 202 produzindo cartaz/ técnica lambe-lambe	88
Figura 46 – Alunos da turma 202 produzindo cartaz/ técnica lambe-lambe	88
Figura 47 – Alunos da turma 202 produzindo cartaz/ técnica lambe-lambe	89
Figura 48 – Alunos da turma 202 colando cartaz/ técnica lambe-lambe	89
Figura 49 – Alunos da turma 202 colando cartaz/ técnica lambe-lambe	89
Figura 50 – Alunos da turma 202 à frente do cartaz produzido por eles / técnica lambe-lambe.....	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Resultado da sondagem realizada com alunos das turmas 202 e 203	62
Gráfico 2 – Resultado da sondagem realizada com alunos das turmas 202 e 203	63
Gráfico 3 – Resultado da sondagem realizada com alunos das turmas 202 e 203	63
Gráfico 4 – Resultado da sondagem realizada com alunos das turmas 202 e 203	64
Gráfico 5 – Resultado da sondagem realizada com alunos das turmas 202 e 203	64
Gráfico 6 – Resultado da sondagem realizada com alunos das turmas 202 e 203	64

LISTA DE SIGLAS

MAM/SP	Museu de Arte Moderna de São Paulo
AESP	Associação de Arte-Educadores de São Paulo
ECA/USP	Escola de Comunicação e Artes/Universidade de São Paulo
FAEB	Federação de Arte Educadores do Brasil
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 PERCURSOS DA ARTE CONTEMPORÂNEA.....	21
1.1 TEMAS DA CONTEMPORANEIDADE	25
1.1.1 Tempo.....	25
1.1.2 Memória.....	28
1.1.3 Corpo espaço de reflexão.....	30
1.1.4 Espaço e lugar	32
2 ARTE CONTEMPORÂNEA EM CONTEXTOS BRASILEIROS	35
2.1 AS POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS EM SÃO LUÍS	42
3 CONCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DAS ARTES VISUAIS	47
3.1 AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E O ENSINO DA ARTE A PARTIR DA DÉCADA DE 1980	49
3.2 A RELEVÂNCIA DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS CONTEMPORÂNEAS	50
3.2.1 A LDB, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Arte e a BNCC	51
3.2.2 A Abordagem Triangular e a Educação para a Cultura Visual	54
3.2.3 Escola, espaço de estranhamentos	56
4 CAFÉ COM ARTE CONTEMPORÂNEA: TRAMAS E POÉTICAS PARA AS ARTES VISUAIS NO ENSINO MÉDIO	62
4.1 DIAGNÓSTICO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO.....	62
4.2 CAFÉS E A ARTE DA CONVERSA	66
4.3 A METODOLOGIA PESQUISA-AÇÃO	67
4.4 EXPOSIÇÃO “POÉTICA DO INFINITO”, DA DUPLA CANTONI-CRESCENTI, NO CENTRO CULTURAL VALE MARANHÃO	69
4.5 EDI BRUZACA	72
4.6 MARIA ZEFERINA	74
4.7 DINHO ARAÚJO	76
4.8 JOÃO CARLOS PIMENTEL	78
4.9 OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA.....	79
4.9.1 A Performance	79
4.9.2 A produção dos cartazes e a Técnica do lambe-lambe	86

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS.....	91
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL PARA ALUNOS DAS TURMAS 202 E 203.....	100
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOBRE PROCESSO DE CRIAÇÃO DAS PERFORMANCES PARA OS ALUNOS DAS TURMAS 202 E 203	103
APÊNDICE C – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO “CAFÉ COM ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA”, COM A ARTISTA MARIA ZEFERINA	105
APÊNDICE D – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO “CAFÉ COM ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA”, COM O ARTISTA DINHO ARAÚJO	106
APÊNDICE E – FOLDER DAS PERFORMANCES “EU SOU VOCÊ!!” E “AMARRE-SE À LIBERDADE!!”	107
APÊNDICE F – CARTAZ DAS PERFORMANCES “EU SOU VOCÊ!!” E “AMARRE-SE À LIBERDADE!!”	108

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi motivada ao voltarmos um olhar para a prática em sala de aula, como professora de Arte, especificamente em relação ao ensino da arte contemporânea no Ensino Médio e seus desdobramentos futuros. A arte contemporânea se apresentou, ao longo da história, como uma arte libertadora – nas formas de pensamento, nas infinitas possibilidades de produção e materialidades. Fugindo dos “pré-conceitos” estabelecidos como clássicos, reconhecemos que, por meio dela, existem possibilidades infinitas de desenvolver no aluno a capacidade criadora e reflexiva.

Nas atividades docentes, desde 2011, como profissional da escola Centro de Ensino Cidade Operária I, do Governo do Estado do Maranhão, não conseguíamos compreender por que os alunos demonstravam tanta dificuldade em apreender os conceitos que norteiam as produções artísticas contemporâneas, sendo que, pela sua própria essência, a arte contemporânea propõe a aproximação com o cotidiano, utilizando uma variedade de materiais, como areia, plástico, gelo, vídeo, materiais recicláveis, o próprio corpo etc. A arte configura-se num universo de obras, objetos, performances, vídeo arte, instalações, *happenings*, entre outros, que caracterizam a produção artística produzida no nosso tempo, por e para esse homem contemporâneo.

Percebemos que parte das dificuldades enfrentadas pelos alunos eram geradas, em alguns casos, pelo preconceito, em outros, pela sua complexidade de entendimento, resultando muitas vezes em frases do tipo “qualquer pessoa pode fazer isso”; “isso parece com os desenhos que eu fazia na pré-escola”, “qualquer coisa pode ser arte? ”, declarações que são uma constante também fora da escola.

A busca de soluções para as indagações e angústias no dia a dia da sala de aula nos motivou a pesquisar atividades que possibilitassem uma exploração mais eficaz e profunda do ensino específico da arte contemporânea. Nesse sentido, citamos o trabalho de Cohn (2008), que nos indica os benefícios que o diálogo entre alunos e artista pode trazer para o ensino aprendizagem das artes visuais.

Assim, em 2012 e 2013, realizamos o evento Café com Arte, com o título: “Conversas sobre arte contemporânea: o artista maranhense e o processo de criação”, artistas locais de várias linguagens artísticas, eram convidados a vir até o CE Cidade Operária I e conversar com os alunos sobre temas que envolviam a sua

profissão, com o objetivo de potencializar a reflexão sobre a arte maranhense produzida na contemporaneidade. A partir disso, os alunos produziram trabalhos artísticos visuais, culminando com a Exposição “Toda memória tem uma história”, em 2012, cujo título e tema foram retirados do texto “Se bem me lembro”, do caderno do professor da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa (2012). A exposição foi realizada com objetos artísticos produzidos pelos alunos do terceiro ano do Ensino Médio. As atividades desenvolvidas em sala de aula abordavam a Abordagem Triangular (que envolve o fazer, ler e contextualizar as imagens), priorizando a memória recente e as memórias antigas dos alunos, da sua infância e de saberes que nunca serão esquecidos. Em 2013, não realizamos a exposição, porque a quadra da escola, local em que acontecia, estava em reforma.

Inserir o ensino da arte contemporânea na escola não é tarefa fácil, por ser uma produção cultural e artística da contemporaneidade. Ela está sendo construída nesse momento, “no tempo vivido e não no tempo que podemos experimentar como histórico” e problematiza a relação do indivíduo com a realidade, trazendo mais perguntas do que respostas. Somados a isso, temos a falta de práticas significativas de arte, que facilitem as interações com as produções contemporâneas, o que faz com que arte contemporânea seja recebida como algo complicado e desestimulante para os alunos (TIBURI, 2012, p. 22).

As práticas escolares mencionadas anteriormente, somadas ao conjunto de experiências na graduação em Educação Artística na UFMA, concluída no ano de 2007, e à prática docente (com visitas a museus, galerias e montagens de exposições com alunos na escola), possibilitaram-nos responder a novos questionamentos e orientaram estudos que fundamentaram a construção deste trabalho. Ao retomarmos o projeto Café com Arte, com algumas adequações, diante do contexto, temos expectativa de apontar caminhos para o ensino aprendizagem da arte contemporânea.

Assim, oriundos das necessidades constatadas pela prática docente, mostraremos o *problema científico* levantado: quais contribuições o diálogo entre a escola e os artistas visuais locais pode trazer para o ensino aprendizagem da arte visual contemporânea no Ensino Médio?

Definimos como *objeto* da nossa pesquisa o Café com Arte Contemporânea, como estabelecimento de um espaço de diálogo e aprendizagem das artes visuais contemporâneas.

A partir da constatação da carência de um ensino das artes visuais contemporânea mais significativo, consideramos como *objetivo* central, para este trabalho, contribuir para o ensino aprendizagem da arte visual contemporânea, a partir do diálogo entre os artistas visuais locais e os alunos.

Os *objetivos específicos* buscados, foram:

1. Refletir sobre a estética visual contemporânea;
2. Identificar as condições em que se encontra o ensino aprendizagem da arte visual contemporânea na escola;
3. Caracterizar os fatores que têm contribuído para o ensino aprendizagem da arte visual contemporânea;
4. Propor atividades relacionadas à arte visual contemporânea, por meio do projeto Café com Arte Contemporânea: tramas e poéticas para artes visuais no ensino médio;
5. Utilizar as tecnologias da informação, celulares, câmeras de vídeo e foto para computador ou Webcams, no registro e difusão dos resultados coletados.

As *perguntas científicas* que orientaram a pesquisa foram:

1. O que caracteriza a estética contemporânea?
2. Qual a importância do pensamento estético contemporâneo para a escola?
3. Qual a importância do diálogo entre os artistas e os alunos para o ensino e aprendizagem das Artes Visuais contemporâneas?

O contexto revela as relações possíveis entre o presente trabalho e a *linha de pesquisa*, do Mestrado Profissional em Artes, “Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes”. Os dois elegem a escola como objeto de análise, como espaço privilegiado na formação do cidadão, de criação e recriação de conhecimentos e de realização de práticas artísticas.

A *metodologia de pesquisa* utilizada foi a pesquisa-ação, numa abordagem qualitativa/quantitativa e de linha exploratório-descritiva, pautada em procedimentos de coleta de dados bibliográficos e questionários (para mensurar as

atividades desenvolvidas pelos alunos), também foram realizadas consultas sobre os artistas convidados, por meio de livros, revistas e sites de Internet.

Nessa perspectiva, visamos refletir sobre o diálogo entre alunos e artistas locais, que aconteceram nas dependências do Centro de Ensino Cidade Operária I e em espaços expositivos de arte, mediados por mim, professora/pesquisadora. Foram momentos de interação e partilha, em prol da ampliação dos saberes artísticos-estéticos das artes visuais contemporâneas. O trabalho estrutura-se em Introdução e mais quatro capítulos, conforme segue: no capítulo I, apresentamos a contextualização e o desenvolvimento da arte contemporânea na Europa, apontando as primeiras manifestações, bem como suas características básicas a partir de Canton (2009), Cauquelin (2005) e Cocchiarale (2014); no capítulo II, fizemos um recorte da história da arte contemporânea no Brasil e Maranhão, buscamos embasamento teórico em Aguilar (2000), Favaretto (1997), Gullar (1999), Moraes (1991), Cantanhede (2008), Costa (2006), e Fortes; Pimentel (2015); no capítulo III, descrevemos as metodologias contemporâneas do ensino aprendizagem em Artes Visuais que apontarão caminhos para a prática em sala de aula, permitindo-nos perceber a arte como experiência, tanto para quem a produz como para quem a aprecia e o potencial de uma imagem poética na construção de subjetividades.

Essas metodologias foram abordadas a partir do levantamento e da leitura da fundamentação teórica, com base em Barbosa (2007; 2010), Cohn (2008; 2009), Demo (2015), Dewey (2010), Ferraz (2009), Hernandez (2007), Martins (2009), Menezes (2007), Ferrari (2012) Pillar (1999) e Valença (2015).

No capítulo IV, tratamos inicialmente da amostragem de questionário realizada com alunos do Ensino Médio, relacionado ao seu contexto social; em seguida a historicidade dos cafés como ambientes de descontração e divulgação das artes; também apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa, a pesquisa-ação e as ações realizadas a partir do Café com Arte Contemporânea, tanto na escola quanto em espaços expositivos.

Nas considerações finais, apresentamos os resultados alcançados em resposta às perguntas científicas lançadas no início da pesquisa, os acertos, os seus desdobramentos e quais os caminhos a seguir, com a intenção de contribuir para o ensino aprendido das artes visuais contemporâneas no Ensino Médio.

1 PERCURSOS DA ARTE CONTEMPORÂNEA

Refletir sobre as tessituras que envolvem a arte contemporânea requer inicialmente um pensamento em relação ao cenário e às posturas artísticas da arte moderna, que ampliaram o espaço e oportunizaram o surgimento das linguagens artísticas contemporâneas.

O século XX caracterizou-se por mudanças significativas oriundas das transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas em diversas partes do mundo. Isso também se refletiu nas produções artísticas modernas, que se desvincularam da herança da arte acadêmica, reagindo às ideias tradicionais da arte como representação do mundo e colocando em discussão determinados conceitos de beleza que, atualmente, apesar dessas mudanças, são apreciados pela maioria das pessoas.

A arte moderna surge num momento de grande efervescência cultural e social na Europa, considerada o centro cultural do mundo, promovido principalmente pela Revolução Industrial, a partir do século XIX. Acrescentamos, a isso, a Primeira Guerra, as teorias da psicanálise, as ideias filosóficas e sociológicas do período, a criação do Primeiro Estado Socialista do mundo, tudo preconizado pela *Belle Époque*, em que Paris vivia. Era o início de uma nova era, havia uma necessidade premente de mudanças, novas formas de pensar, sentir e encarar o mundo.

De acordo com Silva e Silva (2012, p.119), esse contexto colaborou para a agitação espiritual e intelectual dos artistas, que se dividiam entre passado e futuro, o que motivava investigações em todos os campos da arte e transformava os primeiros anos do século XX no cenário das mais revolucionárias experiências de arte e de literatura, e foi por pertencer a este contexto que o nome *vanguarda* foi tão bem aceito.

Retirado do vocabulário de guerra, o termo *vanguarda* deriva do francês *avant-garde*, que significa “à frente da guarda”, remete a fazer algo novo, e a noção de “guarda” liga à luta, à ruptura (CANTON, 2009, p. 18). Do ponto de vista artístico, caracteriza um coletivo de artistas que compartilhavam novas trilhas à expressão estética, independentemente de suas especificidades, com a conotação de um movimento inovador, de ruptura, configurando, assim, as bases das aspirações

artísticas do período. Essa noção de vanguarda artística “tende a designar obras em que preponderam a pesquisa e a invenção estilística” (GULLAR, 1978, p. 27).

Os “ismos”, como ficaram conhecidos os movimentos de vanguarda deste período, a partir das suas terminações, têm como base pesquisas e experimentações que envolvem desde a valorização da luz natural, do abandono da perspectiva formal, do irracional, até chegarem a um momento no qual não era mais importante que se representasse literalmente um assunto ou objeto, caminhando em direção à abstração.

Desse modo, “parecia possível fazer tudo, com tudo, em qualquer direção; bigode e cavanhaque na Mona Lisa, peças de mictório em museu, assim por diante” (BRITO, 2001, p. 202). A liberdade para o surgimento de inovadoras propostas estéticas revela uma revolta contra o tradicionalismo e a sacralização da obra de arte. Uma vontade de ir de encontro aos valores institucionalizados, representados pelas belas artes e Academias de arte. Entendemos que os movimentos vanguardistas representaram, por meio de experimentações artísticas, os indícios de mudanças sociais, de crenças e valores no mundo ocidental endossados pelo cenário industrializado da época.

No âmbito da História da Arte, a partir da década de 1950, a arte moderna cedeu lugar às manifestações artísticas contemporâneas questionadoras, tendências como o pop, o minimalismo e a arte conceitual transcendiam o campo visual e misturavam diversas linguagens, usando sons, narrativas, gestos e movimentos. Categoricamente, apresentavam “caráter múltiplo, chamado por vezes de híbrido, marcado por um cruzamento entre as linguagens artísticas” caracterizando a produção artística na contemporaneidade (NARDIM, 2015, p. 170).

De 1950 para cá, os artistas têm se recusado a agir dentro de uma reserva, de um território pré-determinado. Entram em cena instalações, performances, peças que não se contentam com a mera contemplação, mas querem também ser sentidas, ouvidas, manipuladas. A atitude de romper com os espaços limitados determina uma distinção entre arte contemporânea e arte moderna.

Serão novas formas de ver e consumir arte na contemporaneidade, condicionadas a partir das fissuras iniciadas pelos chamados “embreantes”, “figuras singulares, de práticas, de fazeres, que primeiramente desarmonizam, mas

que também anunciam de longe uma nova realidade” (CAUQUELIN, 2005, p.87). Artistas como Marcel Duchamp e Andy Warhol e o galerista Leo Castelli apontaram na arte ocidental os pontos de ruptura estética e temática que determinariam o advento de novas produções artísticas, que para muitos se configurariam mais como uma busca de um ‘acontecimento’, solidificado pelas relações de uma intrincada rede de comunicações, os vários personagens – artista, marchands, curador e crítico de arte – confundem-se em suas funções, buscando a aceitação da mensagem pelo público, e não necessariamente da obra em si.

Participante do movimento artístico Dadaísmo, movimento da arte moderna que utiliza a sátira e o sarcasmo como crítica e reflexão para o mercado e os críticos da própria arte, Marcel Duchamp é considerado o primeiro embreante, ao criar o conceito de *ready made*, a partir da “A Fonte” de 1917. Uma obra que, segundo o editor de arte Will Gompertz, nunca foi exibida em público, nunca foi destinada a ser mais que uma brincadeira provocativa, vulgar, mas endossada por ser uma grande ideia, nas lentes do reconhecido fotógrafo e dono da galeria “291” Alfred Stieglitz. Esta obra está representada pela figura 1.

Figura 1 – “A Fonte”, Marcel Duchamp, 1917



Disponível em: <http://www.tate.org.uk/art/artworks/duchamp-fountain-t07573>.
Acesso: 24 ago.2020.

E qual seria a intenção de Duchamp ao mandar o urinol para Exposição dos Artistas Independentes de 1917?

Sobre isso, Gompertz (2012) afirma que:

Duchamp argumentava que até aquele momento o meio – tela, mármore, madeira ou pedra – havia ditado o modo como o artista iria ou poderia

abordar a feitura de uma obra. O meio sempre vinha em primeiro, e só depois era permitido ao artista projetar suas sobre ele com pintura, escultura ou desenho. Queria inverter isso, o primordial era a ideia. Só depois de ter escolhido e desenvolvido um conceito o artista estava em condições de escolher um meio, e o meio deveria ser aquele que permitisse expressar a ideia da maneira mais bem-sucedida. E se isso significasse usar um mictório de porcelana, que fosse. Em essência, arte podia ser qualquer coisa desde que o artista dissesse que sim. (GOMPERTZ, 2012, p.24).

Essa obra produziu no meio artístico “tensões” do tipo: a arte está na mensagem, não no objeto; a arte pode ser qualquer coisa desde que esteja em determinado local, numa hora determinada para ser legitimada e obter seu registro, entre tantas outras questões relacionadas ao terreno estético. Desestabilizaram-se algumas estruturas vigentes e supostamente cristalizadas no contexto da produção artística da época, trazendo à tona discussões em torno do gosto e beleza e da separação entre estética e arte. Ao promover essas “perturbações”, com o *ready made*, Duchamp influenciou diretamente vários dos maiores e mais importantes movimentos artísticos do século XX.

Segundo Cauquelin (2005, p. 67), a arte contemporânea é caracterizada pelo regime da comunicação, tecnologia e consumo, artistas, críticos, colecionadores, museus, galerias, envolvidos em um emaranhado de relações, que delinearam um período de mudanças. A estética contemporânea ultrapassou os limites dos suportes tradicionais, nas suas várias expressões; instalações, videoinstalações, intervenções, videoarte, performances e grafite.

Ela “incorporou as experimentações herdadas do modernismo: a abstração, a valorização dos aspectos formais da obra de arte, a não linearidade do pensamento, a valorização dos mecanismos que compõem os processos de concepção de uma obra” (CANTON, 2009, p. 36), e agregou à ideia de não necessariamente transformar a matéria em um objeto ou aplicar uma técnica para conseguir um resultado perfeito, mas necessariamente trabalhar a ideia, a mensagem que essa obra pode comunicar, como “uma narrativa fragmentada, indireta, que desconstrói as possibilidades de uma leitura única e linear”, que se amplia num diálogo entre o artista, a obra e o observador.

Nesse sentido, “abordando os dilemas mais urgentes enfrentados pela sociedade contemporânea, de maneira que encarar a produção artística nos leva necessariamente a pensar sobre os problemas que nos desafiam enquanto sociedade” (DANTO, 2005 apud TOLEDO, 2005, p. 130). E sobre como

reinventamos o mundo e a nós mesmos, dotando a vida de sentido e construindo as nossas próprias narrativas. São diálogos construídos a partir de práticas e teorias de outros campos do conhecimento, como a Antropologia, a Filosofia etc.

Nesse sentido, as poéticas contemporâneas se concretizam a partir de assuntos que definem a contemporaneidade em todas as instâncias: o corpo, a política, a sexualidade, a ecologia, a religião e as imagens geradas na mídia etc. e são constantemente emolduradas pela instalação, o videoarte, a fotografia, o objeto arte, o happening, a arte postal, a land art, a Web art, livro de artista, a performance e os sempre renovados e incorporados na contemporaneidade: desenho, pintura e gravura.

1.1 TEMAS DA CONTEMPORANEIDADE

Presentemente, os fatos e os seus desdobramentos são disseminados concomitantemente às suas ocorrências. Isso ocorre em virtude da dinâmica das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Essa frenética socialização de informações tem impactado todas as áreas de conhecimento. Nas artes, isso tem influenciado as poéticas e as temáticas da arte contemporânea.

Diante desse cenário, lançamos um olhar sobre as ressonâncias temáticas no âmbito das artes visuais. A ideia apresentada aqui foi influenciada pelos escritos de Kátia Canton, na sua Coleção Temas da arte Contemporânea, em que busca a reflexão sobre temas importantes e potentes na contemporaneidade. Assim como Canton, não pretendo apresentar fórmulas de leituras e diálogos com a arte contemporânea ou ainda privilegiar esses artistas, mas mostrar a multiplicidade desses temas e como somos tocados por suas poéticas.

1.1.1 Tempo

“[...] Compositor de destinos, Tambor de todos os ritmos [...]”

(VELOSO, 1979)

A artista e professora Kátia Canton (2009, p. 15), ao dialogar sobre o tempo na contemporaneidade, aponta a falta de tempo, ou ainda a sensação de que o tempo corre mais rapidamente para dar início à reflexão. Afetados por esse modelo de comportamento contemporâneo, estamos tão impacientes que queremos que tudo aconteça o mais rápido possível. Resultado de uma sociedade do aqui e

agora, da cultura de consumo, que muitas vezes termina em um sentimento de decepção e frustração.

Frases do tipo “o tempo quem faz somos nós”, “corre, que o tempo é curto” ficam fixadas na mente durante toda a vida, ao sermos cobrados pelo pouco tempo dispensado às atividades “importantes”, principalmente na adolescência, num momento que tudo era para ontem ou deveria ser. Desde então, o perseguimos e tentamos controlá-lo, enquadrá-lo na tão corrida existência, na nossa eterna dificuldade de lidar com o tempo, o nosso e o do mundo. Na “Grécia antiga, acreditava-se que Cronos (Khonos ou Chronos), o senhor do tempo, teria surgido no princípio de tudo e encontrado Ananke, deusa do destino, os dois uniram-se e passaram a reger toda a humanidade”. (FERRARI, 2016, p. 34).

O tempo e o destino comandando nossas ações e influenciando as relações, tudo o que dispomos e conhecemos

No trecho da música “Trem Bala”, da cantora Ana Vilela, o tempo apresenta-se fugaz, significando tempo vivido, vida experimentada, como um delineador de nossas ações, como um deus que dita o ritmo da nossa vida. Na sua aparente infinitude, demonstra o quanto pode ser passageiro. Pode ser tão marcante e significativo quando percebido, mas apresenta-se com um amargo tom de arrependimento, se não dermos a devida importância às relações construídas.

*[...] E sim sobre cada momento sorriso a se compartilhar
Também não é sobre correr contra o tempo pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a...* (VILELA, 2016).

Com o sentido de representar por meio de imagens a contagem do tempo, o pintor francês Roman Opalka se colocou como objeto e sujeito de sua arte ao se fotografar e inserir números na sua obra “Opalka 1965/1”, todos os dias. Ao todo, foram mais de quarenta anos registrando as suas várias versões, o passar do tempo, “que caminha em um único sentido: o fim da vida”. É nessa direção que a obra de Opalka se torna exemplar para refletir sobre essa fugacidade e como essa passagem define e transforma o ser humano (OPALKA apud ABREU e VELASCO, 2009, p. 80).

É o próprio Roman Opalka (2009) que caracteriza sua obra “Opalka 1965/1”.

Eu inscrevo a progressão dos números começando com 1, prosseguindo até o infinito, em telas do mesmo tamanho, 77,17 x 53,15 pol. (196 x 135 cm) ... Após cada sessão de trabalho em meu estúdio, eu tiro uma fotografia do meu rosto na frente do “Detalhe” que venho trabalhando. Cada “Detalhe” é acompanhado por uma gravação de fita da minha voz dizendo os números em voz alta enquanto os escrevo. (OPALKA, 2009)¹.

Figura 2 – Detalhe da obra “Opalka 1965/1”



Fonte: Museu de Arte Moderna stiftung ludwig Wien/mumok² (2011).

O tempo tal como o vivemos e o criamos incorpora o nosso desaparecimento progressivo. (OPALKA, 1987 apud SEBAGH, 2019).

Figura 3 – Detalhe da obra “Opalka 1965/1”



Figura 1 Fonte: Zoom On contemporary art¹ (2017).

¹ Disponível em site oficial <http://opalka1965.com/>

² Disponível em: <https://www.mumok.at/en/opalka-1965-1-4185294-4207974-4207975-4232327-4232328-4253355>. Acesso em: 24 ago. 2020.

1.1.2 Memória

A memória é a capacidade que temos de adquirir, armazenar e recuperar, evocar informações disponíveis [...] e fatos obtidos através de experiências ouvidas ou vividas. Ao longo da história da arte, os artistas a utilizaram para compor suas poéticas artísticas.

Ela pode ser “um testemunho de riquezas afetivas que o artista oferece ao espectador [...] ou como um tempo perdido, mas que nunca acaba, seja na forma de um lugar, de um espaço delimitado por lembranças” (CANTON, 2009, p. 22-32). Podem ser também como uma foto antiga que evoca as reminiscências de quem a viu, tocou, todos resquícios de uma história pessoal, que vão sendo construídos durante a vida, principalmente pelo contato com outras pessoas, representando a nossa própria existência no mundo, através da nossa memória individual e coletiva. Experiências marcantes, como paixões, realizações e decepções. É por meio da memória que a experiência “cria raízes na mente”. (DEWEY, 2010, p. 124).

Nesse sentido, a Instalação Imemorial, da artista visual Rosângela Rennó compõe uma poética de imagens, que simbolicamente traduzem um pouco de nós, brasileiros, a partir de fotografias de pessoas anônimas, mas carregadas de caráter, que provavelmente desapareceram durante o regime militar brasileiro e foram literalmente descartadas. As fotos podem remeter a um momento histórico, que assombra muitas famílias que perderam seus entes queridos e que precisa ser conhecido e reescrito.

Sobre a construção da obra, Camargo (2016) esclarece: podem-se observar duas divisões, a primeira, na parte baixa da imagem, no chão da galeria, as fotografias que simbolicamente representam os sujeitos que já morreram; e na parte superior da imagem, na parede branca da exposição, os sobreviventes, conforme figuras 4 e 5.

Figura 4 – Imemorial, 1994



Fonte: medium.com/@alissoncmrg3.

Figura 5 – Imemorial, 1994



Fonte: José Roberto Lobato (2020)⁴.

³ Disponível em: <https://medium.com/@mangasebananas/ros%C3%A2ngela-renn%C3%B3-mem%C3%B3ria-sujeito-e-fotografia-contempor%C3%A2nea-13dbb22b523c>. Acesso em: 25 ago. 2020.

⁴ IMEMORIAL. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra15670/imemoria>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Num espaço de profunda reflexão artística, Rennó recupera e expõe essas memórias que podemos definir como “clandestinas” (CAMARGO, 2016), no sentido de estarem esquecidas, silenciadas, ou temporariamente escondidas na memória de alguns, entendemos que através da arte podemos articular debates e posicionamentos, concebendo assim através de um processo artístico, refletir e ressignificar a memória coletiva do país.

1.1.3 Corpo, espaço de reflexão

Desde as primeiras manifestações artísticas, o corpo torna-se objeto da arte, apresentando-se em uma diversidade de representações ao longo da história da arte. De idealizador a transgressor, o corpo chega à contemporaneidade como suporte, linguagem e ferramenta, em pinturas, performances e outras linguagens ligadas à *body art*.

De acordo com Canton (2009, p. 24), o corpo, em suas sensibilidades diversas, assume os papéis concomitantes de sujeito e objeto, “sendo o elemento gerador e receptor de comunicação, ou seja, é a fonte e, ao mesmo tempo recipiente que interage com o ambiente e outros corpos”. São diferentes propostas de manifestação do corpo na arte como forma de estimular o pensamento crítico e o entendimento do mesmo.

Nos trabalhos da artista Maria Zeferina, seus cartazes com a técnica do lambe lambe mostram o corpo feminino nu, a partir de um ponto de vista claramente feminino. Um corpo não sexualizado, sem pudor, como uma homenagem às mulheres que fizeram parte de sua vida, de seu universo, demonstrando a força e a união entre elas. Todas as mulheres que posaram para série de fotografias, intitulado Marias, são suas amigas ou conhecidas. Para Zeferina, é natural estar cercada de mulheres fortes, que a influenciaram e apoiaram nos seus projetos. Os seios nus são símbolo dessa naturalidade, da liberdade de ser mulher e estar entre mulheres.

Nas suas intervenções trabalha a imagem da mulher, abordando a liberdade do corpo feminino, com objetivo de desmistificá-lo como símbolo sexual e de pudor, sendo que outros temas se entrelaçam, como a liberdade de gênero e a imagem da mulher na sociedade contemporânea. São exemplos da série “Marias” as figuras 6 e 7.

Figura 6 – “Marias”, 2016

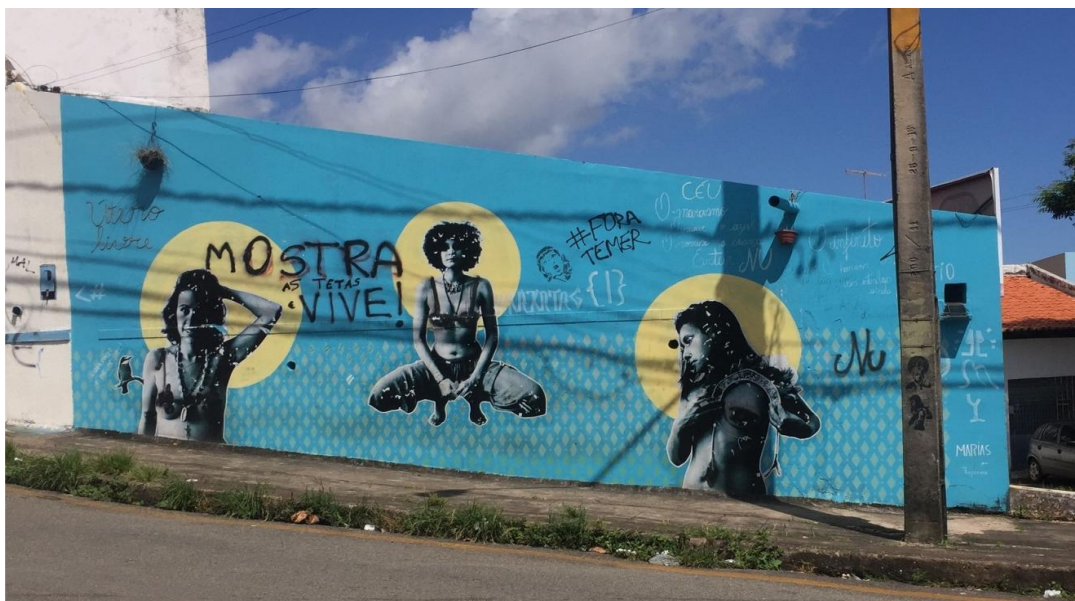


Foto: Caroline Libério. Fonte: arquivo pessoal⁵.

Figura 7 – “Livre”, 2018



Foto: Caroline Libério. Fonte: arquivo pessoal⁶.

⁵ SÉRVIO, Pablo P. P.; QUEIROZ, Renata S. **Reflexões sobre Feminismo, Teoria Queer e Arte pós-moderna: Lambe-Lambes de Maria Zeferina e Dinho Araújo em São Luís/MA.** p. 684.

Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/LC_PABLO_SERVIO_RENATA_QUEIROZ_IISIPACV2018.pdf. Acesso em: 22 ago. 2020.

⁶Disponível em: <https://mariazeferina.tumblr.com/>. Acesso em: 22 ago. 2020.

1.1.4 Espaço e Lugar

Com o advento da contemporaneidade, novas posturas e procedimentos colocaram em discussão o papel e o lugar da arte e a função dos espaços institucionalizados. Alguns artistas, a partir da década de 1960, recusam definitivamente o sistema museu-galeria, exigindo para suas obras um espaço real, público e trazendo à tona novas manifestações, como as Intervenções e o Grafite, com a finalidade de aproximar o público com espaços que a cidade oferece, com o lugar que mora, oportunizando, assim, a ressignificação dos espaços e sensação de pertencimento, que advém da reflexão e das experiências que a arte pode proporcionar.

Pensando nessas possibilidades, O Coletivo Linhas – criado a partir dos saberes e da partilha da jornalista Juliana Mendes, da educadora Luciana Santos, da estudante de arquitetura Jessica Góis, da bailarina Márcia de Aquino, da guia de turismo Ana Regina Arcanjo, da diretora cultural Camila Grimaldi e das arte-educadoras Danielle Fonsêca e Leury Monteiro – realizou em 2017, no Sesc, em São Luís, a Intervenção “Cardume de peixe, cardume de gente”. Foram produzidos mais de três mil peixes, “um mar de peixes azuis e brancos, feitos de crochê”, que saíram do espaço da galeria, para intervirem no centro urbano de São Luís.

O Coletivo Linhas propõe a ao público:

[...] experimentar novos espaços e eixos de produção, circulação e fruição. “Cardume de peixe, cardume de gente” visa convidar o público em geral a refletir acerca dos tipos de aglomeração praticada nas cidades contemporâneas, destacando também os fluxos gerados pelos encontros[...] caminhos e sincronias que são mobilizados na urbe, reinventando-o a partir da inserção, costura, tessitura e tramas utilizando a técnica do crochê. (SOBRINHO, 2017).

As figuras 8 e 9 estão representando essa intervenção.

Figura 8 – Detalhe da Intervenção Artística “Cardume de peixes, cardume de gente”



Fonte: Coletivo Linhas (2016).

Figura 9 – Detalhe da Intervenção Artística “Cardume de peixes, cardume de gente”



Fonte: Coletivo Linhas (2016).

Nesse sentido, a obra é uma provocação para as pessoas que passam todos os dias por esse lugar, sem perceber suas particularidades, suas poéticas. É

um convite a “prestar atenção à esteticidade cotidiana, é vê-la de novo e de modo diferente. Ver a partir de detalhes, vestígios, imagens, percursos, superfícies”. (MEIRA, 2003 apud AROUCA, 2012, p. 23). Para que o olhar do público se torne um olhar desvelados e de surpresa, antes de ser tornar um olhar reflexivo sobre as relações que envolvem o espectador, a arte e os espaços públicos.

Dito isso, concordamos que são temas recorrentes e relevantes na arte em geral frente à contemporaneidade, no âmbito do ensino esses temas são importantes não só pelo viés dos conteúdos, mas pelas relações que o aluno pode estabelecer na escola e no entorno da vida cotidiana, experimentando infinitas possibilidades de ver/ler o mundo.

Diante do exposto, passaremos a refletir sobre a produção visual contemporânea brasileira, desde sua chegada ao solo brasileiro até a atualidade.

2 ARTE CONTEMPORÂNEA EM CONTEXTOS BRASILEIROS

Apresentamos um breve panorama das artes visuais produzidas no Brasil nos últimos setenta anos, com o objetivo de encaminhar os estudos sobre a estética da arte contemporânea brasileira, os acontecimentos que possibilitaram a sua construção e os seus desdobramentos até a atualidade.

Durante a década de 1950, a arte brasileira passava por um período de transição entre os resquícios do modernismo, após a Semana de Arte Moderna de 1922, como o figurativismo e a temática regional, e as novas formas de produzir e pensar a arte. Tais mudanças têm como uma das influências o construtivismo geométrico do suíço Max Bill⁷, que expôs no MAM-SP, em 1951, e na primeira Bienal do Brasil, realizada em São Paulo, no mesmo ano, sendo premiado por sua obra *Unidade Tripartida*.

A partir desse momento, e com esses novos eventos, a arte brasileira obteve um novo impulso, para se renovar com obras de caráter geométrico, que “os artistas brasileiros passaram a investigar prioritariamente, em várias direções, as possibilidades expressivas e poéticas da matéria e dos materiais, do espaço, da cor, da forma, do plano, do volume e da linha”, contribuindo para renovação da arte visual no país (COCCHIARALE, 2005 apud BEZERRA, 2016, p. 57).

Nesse contexto, surge o Grupo Ruptura, em São Paulo e o Grupo Frente, no Rio de Janeiro. O primeiro liderado por Waldemar Cordeiro, em torno dele, estavam Lothar Charoux, Maurício Nogueira Lima, Luís Sacilotto, Geraldo de Barros, entre outros. As suas produções artísticas “buscam a renovação dos valores essenciais da arte visual, com uma obra de caráter geométrico, negavam a intuição, proclamando ser a arte um tipo especial de conhecimento”. O racionalismo excessivo torna-se a base para as produções do grupo Ruptura, sobrepondo-se à subjetividade do artista (AGOSTINETTI; CAVALCANTI, 2008, p. 9).

O Grupo Frente, liderado por Ivan Serpa, é composto por artistas como Lygia Pape, Hélio Oiticica, Lygia Klark, Aluísio Carvão, Décio Vieira e João José Costa. Com a publicação do Manifesto Neoconcreto, em 1959, tornam-se o grupo Neoconcreto, configurando-se como uma reação ao excessivo racionalismo do

⁷ Artista, professor e teórico ligado à Bauhaus, exerceu grande influência no cenário artístico brasileiro da década de 1950, sendo premiado na 1ª Bienal de São Paulo, em 1951.

Concretismo, valorizam a subjetividade no processo criativo artístico, a experimentação com todas as linguagens e a inserção do observador no processo criativo.

Já na década de 1960, artistas como Lygia Clark e Hélio Oiticica possibilitam ao público o envolvimento com a arte através das suas obras “Caminhando”⁸ (1964) e os “Parangolés”⁹ (1960). Para Almeida (2012), no ato de cortar uma tira de papel com a tesoura, Lygia está nos incentivando a seguir em frente, abrindo novos caminhos, buscando descobrir possibilidades. Sendo assim, o pensamento flui, passamos então a compreender melhor nossos passos [...] Trata-se de um ato criador em que o participante se encontra tão envolvido consigo mesmo que sequer nota a presença da artista e do objeto de arte.

Oiticica com o Parangolés “articula corpo e materiais, referências e imagens, música e dança” numa experiência que “conjuga propostas experimentais com práticas culturais” (FAVARETTO, 1992 apud AGUILLAR, 2000, p. 110). São vestimentas feitas para dançar, movimentar, tornando o expectador o agente da ação, da manipulação e reconfiguração da obra.

Figura 10 – “Caminhando”, 1964. Ligia Clark.



Fonte: Cultura Genial¹⁰

Figura 11 – “Parangolé”, p. 4.
Capa nº1.1964.



Fonte: BANERJ (1985).

⁸ Obra de arte que se realiza no ato. Você pega uma tira de papel e junta as pontas para formar um círculo. Antes, porém, gira uma delas e a cola do lado contrário, de modo que esse círculo se transforme numa fita de Moebius, em que não se pode dizer onde é o dentro e onde é o fora.

⁹ São capas, estandartes, bandeiras para serem vestidas ou carregadas pelo participante. As capas são feitas com panos coloridos (que podem levar reproduções de palavras e fotos) interligados, revelados apenas quando a pessoa se movimenta.

¹⁰ Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.culturagenial.com%2Flygia-clark%2F&psig=AOvVaw3MdVAto7PUKr4_o7HfDg-

Esses artistas vão contribuir muito para o surgimento da arte conceitual no país, cujo objeto artístico passa a ser um processo, ideia, conceito, por ser uma obra transitória, para cujo registro utilizam-se recursos como filmes, vídeos, fotografias.

Os anos 1970 trouxeram uma vertente da arte conceitual preocupada em efetuar a crítica a um país tomado pela ditadura militar, instituída por meio do golpe militar em 1964, seguido da promulgação do Ato Institucional nº 5.

O artista Cildo Meireles, no seu “Projeto Cédula” (1970), carimba em cédulas de 1 cruzeiro (moeda da época) a frase “Quem matou Herzog?”, em referência à morte sob tortura do jornalista Vladimir Herzog (1937-1975), uma entre as várias vítimas da repressão militar. “Cria uma modalidade combativa da ação artística, tatuando as mercadorias em circulação”. Esteticamente uma obra que, ao integrar texto e imagem, potencializa a mensagem e a proximidade entre a obra e o expectador, entre a arte e a vida (AGUILLAR, 2000, p. 30).

Como explica Freire (2007, p. 235 apud Monteiro, 2015, p. 34):

A utilização de garrafas de Coca-Cola ou das cédulas de dinheiro resulta na dissolução da figura do artista e no alcance de sistemas de trocas muito mais amplos do que o sistema convencional da arte, impossíveis de serem controlados pela ditadura. Para o artista o que interessa é a possibilidade de inserir-se ou criar ruído e significação no corpo social, isto é, tornar visível a própria noção de rede e de circuito, abstratos e invisíveis por definição. (FREIRE, 2007, p.235 apud MONTEIRO, 2015, p. 34).

Ainda na década de 1970, aconteceu a Exposição Internacional de Arte por Meios Eletrônicos/ Arteônica, em São Paulo e em Campinas, reunindo trabalhos realizados com a ajuda de computadores.

O contexto da arte contemporânea, durante os anos 1980, no Brasil tinha como cenário a abertura política do país pós-ditadura e a formação da chamada “Geração 80”, nome que surgiu em um primeiro momento como título de uma exposição que procurava apresentar os trabalhos de alguns jovens artistas na época, a mostra “Como vai você, Geração 80? ”, em 1984, na Escola Parque Lage, no Rio de Janeiro, que marcou o meio artístico e popularizou essa expressão. A característica mais comum dos trabalhos desses artistas era um retorno da tradição

artística, a partir do uso de suportes tradicionais da arte, como a pintura somados à experimentação com materiais alternativos.

Sobre essas produções, Monteiro (2015) esclarece:

[...] a escolha por parte da geração para a pintura aponte um resgate da tradição, ela vem seguida de elementos típicos da experimentação, isto é, a opção por não usar chassis e a possibilidade de utilização de materiais na composição para além da tinta – como ceras, parafina, barbante e mais uma infinidade de objetos e texturas que agregam uma terceira dimensão na superfície – e o vazamento dos limites físicos do suporte. (MONTEIRO, 2015, p. 40).

Uma outra linguagem que, nesse período, ampliou seu espaço no campo das artes visuais, no Brasil, foi o grafite, com nomes como Alex Valluari, Ciro Cozzolino e Carlos Matuck. Esse foi um período em que o grafite ocupava as ruas dos grandes centros urbanos em busca de um novo público para a arte (RIVITTI, 2005, p. 26).

Nesse período, também houve grandes produções no campo da videoarte, ampliando o seu uso, visto que já eram usados, desde a década de 1960, novos realizadores conhecidos como *videomakers*¹¹ independentes, que buscavam explorar o casamento entre a arte e a comunicação. Nesse contexto, estão inseridos os “grupos TVDO, (TV Tudo), constituído por Tadeu Jungle, Walter Silveira, Ney Marcondes, entre outros. E o grupo Olhar Eletrônico formado por Fernando Meirelles, Marcelo Machado e Marcelo Tas” (RIVITTI, 2005, p. 26).

As décadas seguintes trouxeram consigo novas linguagens, novos meios e novas técnicas, sendo a principal “novidade” o surgimento da Internet e a democratização do seu acesso, o que possibilitou a inserção de novas tecnologias no campo artístico e, conseqüentemente, o surgimento da arte digital. Muitos artistas demonstraram o interesse em pesquisar mais a respeito desse campo de conhecimento, trazendo novas possibilidades de diálogo com as novas mídias. “Computadores, softwares, câmeras, sensores, mixers, CD-ROM, rede Internet, sintetizadores utilizados por artistas, como recursos de criação” (DOMINGUES, 1997, p. 17). As poéticas produzidas mais recentemente no país revelam um processo que anteriormente era físico, bidimensional no sentido tradicional, passa a ser virtual, convertido em dados, envolvendo programadores, designers etc. A evolução nos tipos de instrumentalização para a produção de imagens modificou

¹¹ Profissional responsável pela captação, edição e finalização de materiais audiovisuais.

os modos de produção e também os papéis dos autores de produção destas imagens.

Percebemos que a produção artística contemporânea brasileira está em constante transformação. É inegável que abarcadas por uma “série de práticas artísticas assentadas na evolução eletrônica e nas tecnologias numéricas” a arte tecnológica vem oportunizando uma maior interação e acessibilidade dos objetos artísticos pelo homem, devido à notória presença da tecnologia no cotidiano destes (DOMINGUES, 1997, p. 17).

Entretanto, devemos colocar que, convivendo nesse mesmo ambiente contemporâneo que favorece e instiga as produções artísticas vinculadas às tecnologias, temos as produções ditas tradicionais: pintura, escultura, desenho e as artes conceituais, performances, happenings, instalações, intervenções etc. que assim como a arte tecnológica, propõem a reflexão sobre a criação das imagens, a sua relação com o espectador, com a recepção dos críticos, considerando a atualidade dos meios.

Outro ponto importante é que atualmente o artista “se engaja em tentativas de restabelecer na arte uma conexão com o observador de forma a incitar nele algum tipo de postura diante do mundo e da vida”. (CANTON, 2013, p. 139). As produções artísticas contemporâneas brasileiras problematizam a vida da sociedade contemporânea, investiga seus pontos críticos e seus desdobramentos.

Nesse contexto, apresentamos a artista paulistana Rosana Paulino, que possui um trabalho bastante potente e sensível, abordando temas como a valorização da cultura afrodescendente e a realidade da mulher negra na sociedade brasileira. Na série de obras Bastidores¹², de 1997, apresenta simbologias tirados do próprio universo feminino para representar a situação da maioria das mulheres negras no país. “são bocas que não podem falar, olhos que não estão abertos para o mundo, que se fecham para a sua condição [...] uma impossibilidade de se colocar diante da sociedade” (PAULINO, 1997 apud CANTON, 2009, p. 32).

¹² São retratos de mulheres negras, transferidos para tecido e aplicados em bastidores para bordado, elas estão com bocas, olhos, gargantas escondidas, bordadas com linhas pretas.

Figura 12 – Série Bastidores, Rosana Paulino, 1997



Fonte: Alves; Silveira (2019)¹³.

Figura 13 – Série Bastidores, Rosana Paulino, 1997



Fonte: Alves; Silveira (2019)¹⁴.

A falta de representatividade, os padrões de beleza, os preconceitos velados são todas questões relacionadas às mulheres negras na atualidade. São discussões que podem ser tensionadas a partir de leituras de obras como “Bastidores”. Ampliando um olhar sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira.

A artista paulista Ana Teixeira realiza um tipo de arte “incomum”, a arte de ouvir os mais variados tipos de pessoas e em locais inusitados. Mestre em poéticas visuais, ela vai às ruas das cidades com duas cadeiras dobráveis, lã e agulhas de tricô, se acomoda e espera por pessoas que sentem e compartilhem suas histórias de amor, nome dado à intervenção urbana “Escuto histórias de amor”, já viajou por nove países e em alguns lugares, foi ignorada; em outros, pôde escutar dos mais variados romances.

¹³ ALVES, Bruna O. SILVEIRA, Luciana M. Os deslocamentos de sentido na série Bastidores, de Rosana Paulino. **Colóquio de Fotografia da Bahia**, 2019. Disponível em: <http://www.coloquiodefotografia.ufba.br/os-deslocamentos-de-sentido-na-serie-bastidores-de-rosana-paulino/>. Acesso em: 28 ago. 2020.

¹⁴ Ibidem.

Figura 14 – Intervenção artística “Escuto histórias de amor”



Figura 15 – Intervenção artística “Escuto histórias de amor”



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2012)¹⁵. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2012)¹⁶.

Ana constrói sua obra a partir de “assuntos que a mobilizam e que mobilizam a maioria das pessoas, como amor, a morte, o desejo, os sonhos” [...] São temas inerentes ao ser humano, que é instigado a vê-los a partir de outro ambiente (TEIXEIRA¹⁷ apud FERRARI, 2016, p. 296).

O foco não são apenas as histórias de amor ou os sonhos contados, mas a relação humana entre o artista e o público, gerada através deste contato. Ana ressalta que a intenção é provocar um curto-circuito na mente das pessoas, que elas se questionem e questionem o mundo ao seu redor, quebrando estereótipos sobre amor, identidades¹⁸. São momentos de escuta, de reflexões e de rupturas no nosso cotidiano.

Ao colocarmos essas duas artistas e suas poéticas, intentamos fazer um recorte mínimo da amplitude que rege as artes visuais contemporâneas, mas que nos tocaram significativamente, fazendo com que nos sentíssemos representados pelas suas poéticas inovadoras e pela vontade de mobilizar o espectador sobre os meandros do seu cotidiano.

¹⁵ Disponível em: <http://www.anateixeira.com/trabalhos/escuto-historias-de-amor/>. Acesso em: 28 ago. 2020.

¹⁶ Disponível em: <http://www.anateixeira.com/trabalhos/escuto-historias-de-amor/>. Acesso em: 28 ago. 2020.

¹⁷ Depoimento dado por Ana Teixeira sobre sua arte. Disponível em: www.anateixeira.com.br. acesso em 25 jul. 2020.

¹⁸ Cf. Revista Vila Mulher, Bianca de Souza.

2.1 AS POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS EM SÃO LUÍS

Essa pesquisa busca apontar alguns caminhos para o ensino das artes visuais contemporâneas. A partir do diálogo entre artistas locais e os alunos, propomos ampliar o olhar sobre as artes visuais maranhenses, tendo como base acontecimentos pontuais que marcaram o contexto das artes visuais, a partir dos anos 1970.

Atualmente há uma vasta produção artística no estado, direcionada para cultura popular, bumba-boi, cacuriá, tambor de crioula etc. essenciais na formação cultural da população maranhense. Entretanto, não podemos esquecer que, convivendo com essa efervescência cultural maranhense, temos uma produção artística visual contemporânea, pouco evidenciada dentro da cultura local, mas que continuamente está conseguindo seu espaço, são estilos e poéticas essenciais para o panorama artístico maranhense.

A criação de órgãos e eventos, entre os anos 1970 e 1980, contribuiu significativamente para a ampliação do espaço das artes visuais maranhenses, a exemplo da criação do curso de Desenho e plásticas, na Universidade Federal do Maranhão, em 1970, o Centro de Artes e Comunicações Visuais do Estado – CENARTE, hoje Centro de Criatividade Odylo Costa Filho. Nesse mesmo período, aconteceram a fundação do Centro de Arte Japiiaçu, em 1972, do Museu Histórico e Artístico do Maranhão, em 1973, e da Associação dos Artistas Plásticos do Maranhão, em 1976.

A “Arte da década de 1970 foi conduzida por temas que mobilizaram a sociedade em seu contexto cultural, como: repressões sociais, o sentimento de euforia provocado pelos avanços da tecnologia, o consumismo e a desigualdade social, além do sentido de revolta e protesto, característicos das insatisfações políticas” (COSTA, 2005, p. 41).

Nesse contexto, eram apresentados os movimentos como Antroponáutico, de 1972; o Mirarte, de 1982; e o Gororoba, formado pelos artistas Murilo Santos, Ciro Falcão, Joaquim Santos, João Ewerton e César Teixeira, Valdelino Cécio, Sérgio Abib, Josias Sobrinho, César Teixeira, Paulo César entre outros, que organizaram, em 1977 e 1978, as duas exposições de arte Gororoba. “Suas obras tiveram como tema a fome, a miséria e a degradação humana; representados

através das técnicas: cerâmica, fotografia, pintura, instalações e da música” (COSTA, 2005, p. 45).

Ao abordar o conceitualismo nas suas produções, esses artistas optaram pela ruptura, desconstrução e reconstrução de novas poéticas que consideravam a importância da cultura de massa, da cultura popular, dos avanços tecnológicos e a inserção da arte na vida cotidiana.

Segundo Costa, (2005), um outro incentivo às artes plásticas foram as mostras de Arte Efêmera, organizada pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, através do seu Departamento de Assuntos Culturais – DAC, com apresentação de trabalhos conceituais, como performances, instalações, vídeos. Tratava-se de um evento aberto à comunidade, com premiações de estudantes e artistas.

Segundo Cantanhede, (2008, p. 82), a Coletiva de Maio, organizada pela Universidade Federal do Maranhão, no Convento das Mercês, entre 1991 e 1996, possibilitou à comunidade o acesso ao que havia de mais novo nas artes visuais no Estado e aos artistas a oportunidade de exporem seus trabalhos a um grande público.

Ainda na década de 1990, especificamente em 1998, o Departamento de Assuntos Culturais da Universidade Federal do Maranhão criou a Mostra de Humor, com premiação nas categorias de charge, cartum e tema livre.

Pautada no conceitualismo, a Mostra Artística do Dia Internacional da Mulher, realizada pela primeira vez em 2003, propõe discutir os meandros do universo feminino e potencializar contato entre a obra e o espectador, “por meio de instalações, objetos, vídeos, telas e outras formas de expressão artística” (CANTANHEDE, 2008, p. 84).

Nesse sentido, o grupo Icnos, com a Mostra Iconografia Urbana de São Luís, realizada inicialmente na Galeria do SESC/MA, em 2003, propõe, por meio de objetos e instalações, o envolvimento do público com a arte e o diálogo sobre a real condição da cidade de São Luís na época. Com a participação de Adrianna Karlem, Heleno Fournier, João Carlos Pimentel, Maciel Pinheiro, Raimunda Fortes e Regis Costa Oliveira, sendo esses os fundadores, mas posteriormente também participaram em outras exposições Beto Nicácio, Dinho Araújo e Francisca Costa.

As obras abaixo foram expostas na mostra Iconografia Urbana de São Luís II, em 2007. Em seguida, temos a Obra “Porta de Geladeira”¹⁹, do artista João Carlos Pimentel e a obra “Happy Day”²⁰, do artista Régis Costa Oliveira.

Figura 16 – “Porta de Geladeira”, João Carlos Pimentel



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2014)²¹.

Figura 17 – “Porta de Geladeira”, João Carlos Pimentel



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2014)²².

Figura 18 – “Happy day”, Régis



Fonte: João Carlos Pimentel (2014)²³.

Figura 19 – “Happy day”, Régis



Fonte: João Carlos Pimentel (2014)²⁴.

¹⁹ É uma instalação artística feita com uma porta de geladeira, que poderia ser manipulada pelo público.

²⁰ É objeto artístico produzido com um tonel/latão com plotagens em preto e branco alusivo à imagem de uma cidade entregue ao abandono e às baratas. Na parte interna do tonel, havia uma imagem do artista em pose.

²¹ Disponível em: <http://artedomaranhao.blogspot.com.br/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

²² Disponível em: <http://artedomaranhao.blogspot.com.br/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

²³ Disponível em: <http://artedomaranhao.blogspot.com.br/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

²⁴ Disponível em: <http://artedomaranhao.blogspot.com.br/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

O Salão de Artes de São Luís desponta como um evento de grande importância para a popularização das produções artísticas contemporâneas do Maranhão. Com várias premiações desde o primeiro salão, os trabalhos em exposição passeiam pelas várias linguagens estéticas, como instalações, colagens, videoartes, esculturas, pinturas, grafites, fotografias, entre outras.

Desses salões, saíram artistas hoje conhecidos no meio artístico nacional, como Ton Bezerra e Gê Viana, vencedores²⁵ no V Salão de Artes Visuais de São Luís, pela fotografia “Tensores Múltiplos II” e pela fotomontagem “Assim fica claro: roubo, colo e pixo!”, respectivamente.

Percebemos que atualmente existem muitos artistas visuais que estão produzindo e se reinventando em São Luís, apresentando produções que integram várias linguagens artísticas, pintura, desenho, vídeo dança, performances, happenings, grafite, lambe lambe etc. em suas múltiplas materialidades, considerando a percepção e o envolvimento do público.

De acordo com o artista Layo Bulhão (2014), há uma gama de artistas maranhenses que estão produzindo artes dentro do Estado.

Marília de Laroche (fotografia, arte urbana, performance), Erivelto Viana (performance, dança), Raurício Barbosa (body art), Marcio Vasconcelos (fotografia, performance), Thiago Martins de Melo (pintura, performance), Gê Viana (arte urbana, performance), João Almeida (tipografia artística, artes visuais), Efeito Colateral e Furta Tinta (coletivos de grafite), Porcolitos (intervenções urbanas), Bruno Azevedo (escritor), Celso Borges (poesia), Tairo Lisboa (filme experimental), Wilka Barros (performance fotográfica), Uimar Junior (performance), Ton Bezerra (performance, pintura), Maria Zeferina (Arte Urbana), Tieta Macau (Dança, performance), Kenny Oliveira (*arte não especificada*), Diones Caldas (vídeo arte), Lucian Rosa (cinema), BemDito Coletivo (performance, Intervenções urbanas, dança). (BULHÃO, 2014).

A lista acima revela apenas um recorte da magnitude do campo artístico na Ilha, onde muitos artistas convivem com a falta de incentivo, de espaços de exposição e acabam indo para outros lugares, em busca de apoio e reconhecimento. Entendemos ser de suma importância o reconhecimento dos artistas maranhenses, citados aqui ou não, pois suas poéticas favorecem aos expectadores a sensibilização dos sentidos e uma maior atenção a tudo quanto possa tocá-los, proporcionando, a cada experiência artística, um novo contato com seu interior e provocando inspirações e influências.

²⁵ Os dois são finalistas do Prêmio Pipa 2020.

Desse modo, ao mediarmos o contato da comunidade escolar com os artistas locais, estaremos influenciando para o reconhecimento desses artistas, bem como para a formação de um público de arte.

Em seguida, apresentaremos considerações sobre ensino da arte visual brasileira, apontando as influências e transformações sofridas com objetivo de entendermos o atual ensino de Arte.

3 CONCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DAS ARTES VISUAIS

A educação brasileira passou por inúmeras transformações ao longo de sua construção histórica, provocadas por discussões e reflexões nas mais diversas instâncias, de políticas a pedagógicas. Impulsionadas pelas mudanças na sociedade, na cultura e na arte, essas transformações constituíram-se num compromisso comum e efetivo para o cumprimento de uma educação inclusiva e de qualidade.

Nesse sentido, para entendermos o estado atual do ensino das artes visuais, faremos uma breve reflexão sobre as particularidades das tendências pedagógicas e suas implicações no ensino e aprendizagem da Arte no Brasil, a partir dos anos de 1980. É uma oportunidade de repensar nossa ação educativa diante do mundo no qual estamos inseridos, refletindo individual e coletivamente a prática pedagógica como uma ação pensada dentro de um contexto social, configurado por influências econômicas, políticas e culturais.

Nos anos 1980, a educação brasileira estava condicionada à Pedagogia Liberal Tecnocrata, que já vigorava desde a segunda metade do século XX nos Estados Unidos. Essa nova tendência da educação visava à valorização do processo de industrialização e do desenvolvimento econômico, empenhando-se em incorporar o moderno e o tecnológico no currículo.

No Brasil, a adequação do sistema educacional à proposta econômica e política do regime militar, preparou, dessa forma, mão de obra técnica para ser aproveitada pelo mercado de trabalho. Foi um período de forte presença do autoritarismo do Estado e do Regime Militar, e o ensino e a aprendizagem centraram em técnicas e habilidades.

Anterior a esse período foi assinada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692/71, a Educação Artística tornou-se disciplina obrigatória nos currículos de 1ª e 2ª graus, hoje Ensino Fundamental e Médio. Essa reforma educacional estabeleceu um novo conceito de ensino de arte: a prática da polivalência, pois, segundo esta reforma, as artes plásticas, a música e as artes cênicas (teatro e dança) deveriam ser ensinadas conjuntamente por um mesmo professor da primeira à oitava séries do primeiro grau.

E em 1973, foram criados os cursos de licenciatura em Educação Artística com duração de dois anos (licenciatura curta) para preparar estes professores

polivalentes. Educação Artística foi a nomenclatura que passou a designar o ensino polivalente de artes plásticas, música e teatro.

Para Ferraz (2010, p. 40), desde a sua implantação, a Educação Artística é tratada de forma indefinida, o que fica claro na redação de um dos seus documentos explicativos da lei, no Parecer nº 540/77: “não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses”. Não havia uma correlação entre a teoria e a prática, o que corrobora com essa ideia é a função polivalente adquirida e assumida pelos professores de Arte. Ao se configurarem professores polivalentes (Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Industriais, Artes Cênicas) e ficarem a dever na aplicação da disciplina, deixaram suas áreas específicas de estudo, assimilando, mesmo que superficialmente, as demais.

Do 5º ao 8º ano, as aulas de Educação Artística eram sempre aguardadas com ansiedade, pois eram momentos ímpares, em que poderíamos realizar atividades lúdicas, relacionadas a trabalhos manuais, ao lazer, e o melhor, sem a pressão das provas. Havia também as apresentações relacionadas ao calendário de festas, quando eram sempre as professoras de Arte que estavam à frente desses momentos.

No antigo 2º Grau (agora Ensino Médio), nas escolas públicas, a ideia era a profissionalização dos jovens, com o ensino técnico, preparando-os para o campo de trabalho. As propostas metodológicas incluíam “a cópia, desenho geométrico, educação através da arte e livre expressão”. A importância do aprendizado era voltada para o desenho, seja ele geométrico ou livre. A preparação do aluno para o desenvolvimento industrial era mais válida e importante, a educação estética e a história da arte não eram estimuladas (PESSI, 1994, p. 27 apud SILVA, 2015).

Entendemos que uma conjuntura de fatos contribuiu para um ensino de Arte pouco valorizado pela classe estudantil e que ecoa até hoje nas escolas. Aulas de Arte desconectadas de um projeto coletivo de educação escolar, professores polivalentes, atendendo a todas as linguagens artísticas (mesmo aquelas para as quais não se formaram), descuidando-se de sua capacitação profissional somados a uma formação universitária insuficiente. Tudo isso contribuiu sobremaneira para uma educação artística desprestigiada e vista apenas como “meras atividades artísticas” ligadas ao lazer (FERRAZ, 2010, p. 39).

Diante da situação em que se encontrava o ensino da Educação Artística, novamente os professores de Arte sentiram-se impelidos a se organizarem em movimentos e discutirem sua real situação, visualizando novas propostas pedagógicas fundamentadas e coerentes com um ensino de Arte democrático. Nesse sentido, aconteceram: a Semana de Arte e Ensino na USP, em 1980; a fundação da Associação de Arte-educadores do Estado de São Paulo (AESP), fundada em 1982; o I Encontro Nacional de Diretores e Professores das Faculdades de Educação Artística, na ECA/USP em 1984, quando foi decidido que se acabaria com a licenciatura curta e com a polivalência.

Outro fator que influenciou no aumento da qualidade sobre o Ensino de Arte foi a ação política desencadeada por vários festivais, dentre eles, os festivais de Ouro Preto; o Festival de Inverno de Campos de Jordão de 1983; o Congresso sobre história do Ensino da Arte, em 1984; assim como a atuação de associações regionais e estaduais reunidas na Federação de Arte Educadores do Brasil, a FAEB.

Concomitante a esses acontecimentos no Ensino de Arte, nesse período (1980) vigorava no país a Tendência Realista Progressista, formada a partir de discussões entre professores, pesquisadores da educação preocupados com o contexto da educação brasileira, resultando na criação de “novas propostas pedagógicas que apontam para uma educação conscientizadora do povo e para um redirecionamento histórico do trabalho escola público, democrático e de toda a população” (FERRAZ, 2010, p. 42). Nesse contexto, torna-se imprescindível a discussão da cultura popular versus cultura erudita, passando-se, enfim, necessariamente a discutir a problemática da democratização da cultura. Ela subdividia-se em libertadora, libertária e histórico crítica.

A Pedagogia Progressiva Libertadora teve sua origem ligada ao contextualismo social, com influências de Paulo Freire. Defendia que escola deveria ser valorizada como espaço de luta das camadas populares, propiciando o acesso democrático ao saber historicamente acumulado pela realidade social na qual o aluno estava inserido.

Já a Pedagogia Progressista Libertária caracterizava-se por uma tendência antiautoritária, o professor assumia a função de instrutor-monitor, que realizava reflexões em comum com os alunos, auxiliando o grupo no desenvolvimento das

ações, na superação dos obstáculos da aprendizagem enraizados no indivíduo e no grupo. Temos como exemplo a “Summerhill, criada pelo educador inglês A. Neill, nos anos 1960” (FERRAZ, 2010, p. 43).

Na Pedagogia Histórico-crítica ou crítico-social dos conteúdos, enfatiza-se os conteúdos confrontando-os com a realidade social. Sobre essa pedagogia, Gasparin (2007, p. 15 apud Perini, 2015), comenta que [...] o educando deve ser desafiado, mobilizado, sensibilizado; deve perceber alguma relação entre o conteúdo e sua vida cotidiana, suas necessidades, problemas e interesses. Enfatizando o diálogo entre o professor e os alunos, na criação um clima favorável à aprendizagem.

3.1 A RELEVÂNCIA DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS CONTEMPORÂNEAS

Dos anos 1990 em diante, as reflexões sobre o Ensino de Arte avançaram bastante, influenciadas pelas rupturas e mudanças de paradigmas que se forjaram no pensamento ocidental desde meados do século XX, buscaram um ensino aprendizagem de artes nas escolas, visando a construção do conhecimento, da percepção, da imaginação e da capacidade crítica e inventiva não somente do estudante, mas sobretudo do professor.

Possibilitando assim a geração de novas formas de ensinar arte como Abordagem triangular (1980), e, na década de 1990, a Cultura visual, foi reorientada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, a LDB, Lei nº 9.394/96 e a BNCC.

Barbosa; Coutinho (2011, p. 48) identificam três fatores de mudança que sustentarão essas novas abordagens no contexto da cultura contemporânea:

O primeiro é a ampliação da ideia de arte. A arte contemporânea, de certa maneira, é continuadora das propostas das vanguardas modernistas, se caracteriza por abordar temas controvertidos ou que chamam atenção para aspectos sociais e políticos da vida cotidiana em sociedade.

O segundo fator são as transformações no campo das pesquisas das teorias e história da arte. Que passaram a questionar, por exemplo, as analogias e diferenças entre as artes canônicas e a cultura visual, [...] ou a legitimidade e hegemonia das formas de arte culta frente as formas populares. Houve um deslocamento de interesse da obra ou do artista para os processos de circulação, de recepção e de apropriação da arte. Passamos a observar como a arte interatua

com o social, o político ou o estético e como incita o olhar do espectador, não mais entendido como um sujeito passivo, mas como um interator.

O terceiro fator é a evidência da crescente influência educativa da cultura visual nas sociedades tecnológicas. [...] contexto da juventude de hoje, a pedagogia escolar está sendo suplantada pela pedagogia cultural, ou seja, aquela que advém dos meios de comunicação de massa (cinema, televisão, videogames, música popular, internet, publicidade etc.) com as quais os jovens estão em contato a todo momento. Esta cultura massificada transmite valores e aporta conhecimentos aos processos identitários. Esta é uma questão premente para qualquer projeto educativo da atualidade.

3.1.1 A LDB, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Arte e a BNCC

Com a Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/1996, a matéria “Artes” foi reconhecida como disciplina e o seu ensino se tornou obrigatório na educação básica, conforme dispõe o parágrafo 2º, do artigo 26: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 1996).

Inicialmente propunha apenas o ensino da música, das artes plásticas e das artes cênicas. Sendo alterada pela Lei nº 13.278/2016²⁶, que incluiu as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram propostos como diretrizes pedagógicas importantes para a educação brasileira, com um compromisso de assegurar a democratização e um ensino de qualidade para todos os estudantes. Em vigor desde 1996, deram à área de Arte uma grande abrangência, propondo quatro modalidades artísticas: Artes Visuais, com maior amplitude que Artes Plásticas, englobando artes gráficas, vídeo, cinema, fotografia e as novas tecnologias, como arte em computador; Música; Teatro e Dança²⁷. Ao trazer a Arte para o primeiro patamar do cenário educacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais conseguiram algo muito esperado e uma antiga

²⁶ Cf. Agência Senado.

²⁷ Cf. FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 57-58.

reivindicação dos professores de Arte, que clamavam pela presença regular da Arte no currículo escolar, juntamente com outras disciplinas consideradas mais “importantes”. Essa mudança ocorreu inicialmente no Ensino Fundamental e, em 1999, foram lançados os PCNs de Arte do Ensino Médio.

As propostas apresentadas pelos PCNs de Arte estabelecem três diretrizes básicas para a ação pedagógica: produzir, apreciar e contextualizar, que retomam, indiretamente, os eixos da “Proposta Triangular”, defendida por Barbosa na área de Artes Plásticas (BARBOSA, 2010, p. 18).

Sobre os PCNs de Arte, Ferraz; Fusari (2009, p. 57) afirmam que esses saberes foram direcionados ao autoconhecimento, ao outro, ao fazer, ao apreciar arte com autonomia e criticidade, ao desenvolvimento do senso estético e à interação dos indivíduos no ambiente social/tecnológico/cultural.

Desse modo, “fazendo ou apreciando arte os alunos tornam-se pessoas mais sensíveis, capazes de perceber de modo acurado modificações no mundo físico e natural” (ALMEIDA, 2012, p. 14). É o cultivo do olhar estético, orientando o pensamento e ação a partir dessas experiências que a arte proporciona.

Dewey (2010) pontua que a experiência é uma característica irreduzível da vida, uma negociação consciente entre o eu e o mundo, sendo que a mais intensa é a experiência com a arte. “A arte é a prova viva e concreta de que o homem é capaz de restabelecer, conscientemente e, portanto, no plano do significado, a união entre sentido, necessidade, impulso e ação que é característica do ser vivo” (DEWEY, 2010, p. 93). Desse modo, vai se construindo o papel da educação, revelado a partir da experiência adquirida pelo professor e aluno durante os processos de ensino e aprendizagem.

Homologada no final de 2018, pelo Ministério da Educação, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio, é um documento que serve como ponto de partida para a construção do currículo escolar das escolas públicas e privadas de todo o Brasil. Ela oferece um total de dez competências, várias habilidades e aprendizagens essenciais para a formação básica do aluno, do Ensino médio. Ou seja, “define uma base comum em nível nacional e uma parte diversificada a ser complementada em cada estabelecimento escolar, dadas as características regionais e locais dos estudantes” (TOLENTINO, MORENO, 2019, p.07). Nesse contexto a Arte juntamente com Língua Portuguesa, Educação Física

e Língua Inglesa, passa a ser componente curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias, ao invés de área de conhecimento como fora nos últimos anos.

A BNCC caracteriza a Arte como área do conhecimento humano que contribui para o desenvolvimento da autonomia reflexiva, criativa e expressiva dos alunos, proporcionando a ampliação do conhecimento deles sobre si, o outro e o mundo. O documento destaca que esse conhecimento e apreensão de mundo é possível através da aprendizagem, da pesquisa e do fazer artístico, a partir de “uma perspectiva poética em relação à vida, que permite aos sujeitos estar abertos às percepções e experiências, mediante a capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e rotinas”. Pontua ainda que através da pesquisa e dos processos de criação os estudantes poderão explorar especificamente e de maneira dialógica e interconectada as linguagens artísticas, levando em conta as novas tecnologias e seus espaços de compartilhamento. BRASIL, 2019, p.482

A intenção proposta é que nos seus processos de criação os estudantes também contribuam para construção de um ambiente no qual as pessoas sejam respeitadas em suas individualidades culturais e estimuladas a compreender as diversidades de formas e existência. Nesse contexto a BNCC propõe que:

Esses processos podem emergir de temas norteadores, interesses e inquietações, e ter, como referência, manifestações populares, tradicionais, modernas, urbanas e contemporâneas[...]. No decorrer desses processos, os estudantes podem também relacionar, de forma crítica e problematizadora, os modos como as manifestações artísticas e culturais se apresentam na contemporaneidade, estabelecendo relações entre arte, mídia, política, mercado e consumo. Podem, assim, aprimorar sua capacidade de elaboração de análises em relação às produções estéticas que observam/vivenciam e criam. BRASIL, 2019, p.482/483.

De acordo com a BNCC o componente Artes na escola deve ainda promover “o entrelaçamento de culturas e saberes, possibilitando aos estudantes o acesso e a interação com as distintas manifestações culturais populares presentes na sua comunidade” (BRASIL, 2019, p. 483), sendo fundamental o protagonismo dos alunos como apreciadores de arte, criadores e curadores, “de modo consciente, ético, crítico e autônomo” nas suas várias exposições artísticas e culturais na escola ou em outros ambientes.

O atual contexto da BNCC revela que muitas escolas ainda não incorporaram as suas propostas, esse fato requer um olhar amplo e reflexivo dos professores, especificamente de Arte, sobre as suas demandas na BNCC, para que a mesma não seja vista por colegas de outras áreas, novamente apenas como um “apêndice” dentro da área de linguagens, mas seja reconhecida sua importância para desenvolvimento artístico e cultural dos estudantes do Ensino Médio.

3.1.2 A Abordagem Triangular e a Educação para a Cultura Visual

No contexto das Artes Visuais, a Abordagem Triangular, inicialmente nomeada como Metodologia Triangular, foi sistematizada por Ana Mae Barbosa, entre os anos de 1987 e 1993 no contexto do MAC-USP, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Designou os componentes desse ensino a partir de três ações, que “representadas em ziguezague, podem tomar diferentes caminhos /contexto\ fazer/contexto\ ver ou ver/contextualizar\ fazer/contextualizar\ ou ainda fazer/contextualizar\ ver/contextualizar”, oportunizando variadas experiências em sala de aula (BARBOSA, 2014, p. XXXIII).

Nessa representação, a ação de contextualizar aparece com mais frequência e “se torna mediador e propositor”, durante as ações empreendidas na escola. Assim a contextualização ultrapassa a ordem histórica, ao situar a imagem em determinado contexto, relacionando-a a outros conhecimentos e às circunstâncias que nos rodeiam. O fazer constitui-se uma parte essencial da arte. No âmbito escolar, é uma experiência estética ímpar, em que o aluno, ao produzir um objeto artístico, desenvolve o senso estético, a imaginação, a observação e a concentração.

A leitura não deve ser vista apenas como leitura crítica da materialidade da obra e de seus princípios decodificadores, mas também como leitura de mundo. Leitura de nós mesmos e do ambiente em que vivemos, percebendo-se um ser significativo e atuante no mundo.

Segundo Lampert (2010, p. 447), a abordagem triangular não se trata de um modelo ou método, mas aos modos como se aprende, e por qual metodologia se entende o que cada professor realiza como ação em suas aulas e práticas de ensino e não como vinculação teórica. Sendo articuladas de forma interativa e

interdependentes, realizadas no diálogo entre o professor e o aluno, ou entre o aluno e a imagem.

Em relação ao ensino de Artes Visuais, a Abordagem Triangular possibilita um olhar crítico/estético das artes a partir de movimentos reflexivos sobre a cultura visual. Entendemos a cultura visual como “um objeto aproximando a reflexão crítica constituído de tudo o que pode ser visto ou sentido, ou que seja comunicado por meio de visualidades” (LAMPERT, 2010, p. 444).

Assim, a abordagem triangular surge como referência no ensino das artes visuais contemporâneas, por valorizar a reflexão atrelada ao conhecimento artístico. Exige do professor a ação de pensar e refletir criticamente o contexto e suas práticas, numa constante revisão de conceitos e poéticas artísticas, dada a dinamicidade da arte, favorecendo experiências que permitam aos alunos “terem a compreensão de como as imagens influem em seus pensamentos, em suas ações e sentimentos”, bem como um olhar reflexivo para a sua própria condição no mundo (PAULLY, 2003 apud HERNÁNDEZ, 2007, p. 25).

[...] quando um estudante realiza uma atividade vinculada ao conhecimento artístico [...] muitos esquecem: que não só amplia a habilidade manual, desenvolve um dos sentidos (a audição, a visão, o tato) ou expande sua mente, mas também, e sobretudo, delinea e fortalece sua identidade em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar, etc. o que lhe cerca e também a si mesmo. (HERNÁNDEZ, 2000, p. 42 apud RAMA, 2010, p. 18).

Nesse sentido, o ensino das Artes Visuais, com estudos centrados na experiência cotidiana do aluno, faz com que ele encontre o sentido das situações e contextos vivenciados, compreendendo melhor a sua cultura e também de outros povos. Essa concepção está alinhada à Cultural Visual, que pode ser definida como um campo de estudo crítico que examina e interpreta díspares manifestações e experiências visuais de uma cultura”. Essas imagens produzidas na sociedade estão impregnadas de crenças e valores, são como narrativas visuais de uma determinada civilização (TAVIN, 2009, p. 226 apud LAMPERT, 2010, p. 443).

Para Hernández, pesquisador e autor do livro “Catadores da Cultura Visual”, o ensino da Arte Visual contemporânea deve proporcionar aos alunos uma leitura que ultrapasse a esfera da arte tradicionalmente concebida, para incorporar uma leitura significativa das situações e objetos que fazem parte do seu cotidiano, visto que estão envoltos em uma cultura de imagens, seja pelo uso dos smartphones, da televisão, dos videogames, outdoors etc. Deve, portanto, visar a

uma compreensão crítica do papel que cumprem na sociedade e a posição que ocupam no jogo das relações de poder.

Dessa forma, o ensino visual contemporâneo, alicerçado por concepções pedagógicas, surge como um facilitador da emancipação intelectual, por meio de práticas que envolvem o fazer, o ver e o contextualizar, ao mesmo tempo em que consideram o ponto de vista do aluno, seu contexto e suas leituras de mundo, construindo diálogos críticos, buscando a efetivação dos seus direitos e a construção de uma sociedade mais democrática e desenvolvida.

No exercício de reflexão sobre a história do ensino de Arte, buscando as características dos modelos pedagógicos, seus fundamentos estéticos e epistemológicos, suas estratégias metodológicas, pretendíamos compreender as raízes de nossas ações em sala de aula, bem como o nosso próprio processo de formação, para assim mensurar a importância do nosso papel nas mudanças que o ensino da Arte Visual Contemporânea necessita.

3.1.3 Escola, espaço de estranhamentos

Falar sobre o ensino de Arte Visual Contemporânea equivale a falar também sobre a expressividade desse homem contemporâneo, que conduz, usufrui e impacta a arte contemporânea. Conforme Valença (2015), são essas as atribuições do homem pós-moderno.

Este homem, cujo gênero não mais necessariamente se limita ao que denominamos feminino e masculino, vive, por conseguinte, uma concepção de família que destoa em 'gênero, número e grau' daquela preconizada até pouco tempo atrás. Situados num mundo em que o consumo exacerbado prevalece crescente em boa parte do planeta e as possibilidades da comunicação/relação com o outro em tempo real envolve espaços distintos e variados, este homem é, como nunca se viu na história, o resultado de uma vida plural, que desconstrói a cada instante o que há um segundo atrás era legítimo. (VALENÇA, 2015, p. 134).

O homem contemporâneo tornou-se um ser ambíguo, híbrido, fragmentado, com várias identidades em um único ser, que podem ser contraditórias ou não. "Somos cada um de nós e somos também os outros, as alteridades, tudo aquilo com que nos relacionamos" (CANTON, 2009, p. 19).

Seus motivos, seus desejos e suas relações familiares e de amizade serão formatados a partir das transformações dispensadas pela pós-modernidade. "Ao absorver mudanças institucionais e sociais, que vão desde a política até

movimentos de libertação feminina, temos a liberdade para acolher diversas formas de identificação e manifestação social” (SILVA; NEPUCENO, 2019, p. 2).

O mundo contemporâneo é um mundo ansioso e ser ansioso é estar sempre no lugar que a gente deve estar daqui há cinco minutos. Ninguém aguenta contemplar nada [...] as pessoas visitam os museus como se estivessem num shopping center (COCCHIARALE, 2014). Sintomas do mundo globalizado, do advento da web 2.0²⁸, das redes sociais, da diminuição das fronteiras, doravante há uma exigência na rapidez das fruições e das relações humanas.

De acordo com Cocchiarale (2014), todas essas transmutações, que perpassam o homem atual, não poderiam resultar em obras de arte que contêm historinhas, com começo-meio-fim tradicionais. Mas oportunamente em “narrativas enviesadas”, são histórias contadas de forma não lineares, compostas a partir de tempos fragmentados, sobreposições, repetições, deslocamentos”. E que têm exigido do público espectador maior interatividade, e uma certa consciência de si como sujeito de constante interação no mundo vivido (CANTON, 2009, p. 15).

Entretanto, esse desejo de aproximar a arte da vida acaba surtindo, algumas vezes, efeito contrário, causando os chamados “estranhamentos” e até mesmo uma insegurança pelo público. Presente no cotidiano da vida humana, as obras contemporâneas são construídas a partir das relações com práticas e teorias provenientes de outros campos do conhecimento, tais como a antropologia, a filosofia e a política, revelando os sintomas dessa realidade contemporânea, que “são tão perturbadoras quanto a confusão que se opera no espírito do público” (CAUQUELIN, 2005, p. 160).

As poéticas²⁹ dos artistas contemporâneos são um desafio para o público que visita as exposições, pois muitos não foram educados para essas novas produções artísticas, não têm paciência de contemplar e muitas vezes não se sentem à vontade ao se reconhecerem nas obras, muitas vezes reiterando “a concepção de que a obra de arte necessariamente precisa ser um objeto intocável e sacramentado” (OLIVEIRA; FREITAG, 2007, p. 3).

²⁸ Termo criado por Tim O'Reilly, em 2003, se baseia no desenvolvimento de uma rede de informações onde cada usuário pode não somente usufruir, mas sim, contribuir.

²⁹ É a forma singular do artista produzir artisticamente.

Em relação ao contato do público com arte contemporânea, Cauquelin (2005) ressalta:

A arte contemporânea é mal aprendida pelo público, que se perde em meio aos diferentes tipos de atividade artística, mas é, contudo, incitado a considerá-la um elemento indispensável à sua integração na sociedade atual. (CAUQUELIN, 2005, p. 160).

No vídeo “Quem tem medo de arte contemporânea?”³⁰, material que foi utilizado em sala de aula, a artista plástica Valéria Pedrosa aponta caminhos para a compreensão das produções contemporâneas: “Você não tem obrigação de entender de arte para usufruí-la. Ela deve ser usufruída com seus sentimentos, são outros canais, não é na racionalidade que você vai encontrar ferramentas para usufruir do trabalho de arte contemporânea”. No percebimento que a obra ali exposta é passível de ser manipulada, tocada, deslocada, cheirada, degustada, vestida, e até desmaterializada, o artista /observador se depara então, com outra forma de recepção da obra que vai além da supremacia do olhar (OLIVEIRA; FREITAG, 2007, p. 3).

Barbosa (2010, p. 98) também aponta caminhos ao afirmar que o ensino de arte pós-moderno aponta a cognição³¹, como preponderante para a compreensão estética [...]. E remete à construção do objeto e sua concepção inteligível, como elementos definidores da arte. Ou seja, através de ações e experiências estéticas, que vivenciamos no processo criativo como autores ou meros expectadores, seremos capazes de compreender a arte contemporânea.

Em um contexto de tantas incertezas, que permeiam a recepção da arte contemporânea, mas também na certeza das possibilidades de experiências que a mesma pode empreender, percebemos que uma grande parte da população não tem contato com a mesma, e que deste fato deriva a não popularidade desta nova arte. Como torná-la popular, nas escolas e mesmo nas comunidades periféricas? De que forma abordar a arte contemporânea? Quem é capaz de atuar sobre essas necessidades?

A escola contemporânea, desde o início, apresenta-se como a ponte para que essas experiências possam se tornar mais acessíveis ao grande público. Por sua essência, caracteriza-se por ser um espaço de trocas de conhecimentos e

³⁰ Vídeo produzido pela Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <https://youtu.be/qpctlrloenQ>.

³¹ Ato ou processo da aquisição do conhecimento que se dá através da percepção, da atenção, associação, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem.

aprendizado, viabilizando as relações entre o conhecimento e a vida prática do aluno, promovendo a formação social e humana do sujeito.

Ao refletir sobre a função da escola, o sociólogo e especialista em Educação Pedro Demo (1993), esclarece que:

[...] o papel da escola torna-se ainda mais específico, ultrapassando a figura da complementação da família, ou da sociedade de normas e valores, para assumir a condição de lugar da formação de um tipo essencial de competência frente à formação da cidadania e frente às mudanças na sociedade e na economia[...] para assegurar a todos a mesma oportunidade de desenvolvimento. (DEMO, 1993 apud ZAMBONI, 2012, p. 3).

Nesse sentido, Dewey (2010) destaca que a educação não se resume à transmissão de pensamentos. O aprendizado ocorre quando compartilhamos experiências e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja barreiras ao intercâmbio de pensamento. A escola deve viabilizar práticas artísticas e culturais dialogadas, a partir das quais os alunos possam atuar como autores da sua aprendizagem, e o professor assume a função de mediador, não mais de detentor do conhecimento, mas o incentivador do aluno na criação e produção do conhecimento, obtendo uma aprendizagem significativa. A escola configura-se, dessa forma, como um lugar de reflexão e difusão da produção artística contemporânea.

Porém, não devemos nos perguntar se esse ensino de Arte está promovendo uma efetiva construção de conhecimentos na área, especialmente no ensino de arte contemporânea? Os professores estão preparados para elaborar atividades ou projetos que elenquem a produção visual contemporânea? Faltam professores especialistas em Arte? Essas são algumas das questões que envolvem o ensino das Artes Visuais atualmente.

A esse respeito, Nardin; Nita (2012) destacam que:

A arte contemporânea raramente marca presença no currículo escolar[...] Poucos são os educadores que ousam avançar para além do Surrealismo, são tidos por demais corajosos aqueles que chegam a mencionar o nome de Marcel Duchamp, uma das figuras mais importantes para a instauração do regime da comunicação que caracteriza o campo de produção artística da pós-modernidade. (NARDIN; NITA, 2012, p. 183).

Esse distanciamento acontece, porque alguns professores não compreendem as poéticas contemporâneas ou encontram grande dificuldade para elaborar atividades ou projetos que priorizem a produção visual contemporânea. Atestamos isso, a partir de algumas falas de um professor “Como incentivar os

alunos às práticas artísticas, introduzindo-os no mundo da arte contemporânea se ao estudar os grandes mestres ele constatará que o artista muitas vezes não coloca sequer a mão na obra?” Ou “a arte contemporânea é consagrada por autores de obras milionárias como banais balões de animais feitos de aço, latinhas de fezes químicas idênticas a de seres humanos, tela contendo esterco de elefante em sua composição, larvas etc.”³²

Outro fato considerável é que, na ausência de professores especialistas em Arte, são colocados professores de outras disciplinas, totalmente despreparados quanto às especificidades da disciplina, limitando o ensino às atividades meramente técnicas, ou simplesmente “agradáveis” com intuito de produzir alguma “coisa” ou como mera ocupação para os alunos, sem reflexão ou contextualização.

Visivelmente “há um descompasso entre o que se apresenta como arte nas escolas e o que se produz como arte atualmente”(MENEZES, 2007, p. 1003). Entretanto, todas essas particularidades, interações, indefinições, mutabilidade constante e a variedade de materialidades, características das obras de arte contemporâneas, podem contribuir para o próprio entendimento de mundo desse homem tão singular e ao mesmo tempo múltiplo.

Visto que nos incomodam, mostram nossas faltas e problematizam a vivência da cultura pós-moderna, as atitudes, as crenças e os valores, “desconstruindo para reconstruir”, selecionando e reelaborando sentidos, essas novas orientações necessariamente podem “impedir o divórcio entre a arte contemporânea e o público” (CAUQUELIN, 2005, p. 15), garantindo a formação de professores e alunos/observadores capazes de dialogar criticamente com as obras de arte da atualidade.

A partir da atual situação histórico-cultural que enfrenta a escola, em que o ensino da Arte, muitas vezes, fica relegado a ser apenas um complemento de outras disciplinas consideradas pontuais no currículo escolar, pesquisas como o “Café com Arte Contemporânea: tramas e poéticas para as artes visuais no Ensino Médio”, tornam-se importantes para o ensino das Artes Visuais, com ênfase na arte contemporânea, pois os alunos, por meio do diálogo com artistas locais, podem

³² Cf. Boletim Arte na escola: Quem tem medo de arte contemporânea? nº 68, 2013, p. 3.

refletir e ressignificar conceitos/ideias pré-concebidas sobre a produção visual contemporânea.

Diante do exposto, passaremos aos encaminhamentos práticos e metodológicos que organizaram esta pesquisa.

4 CAFÉ COM ARTE CONTEMPORÂNEA: TRAMAS E POÉTICAS PARA AS ARTES VISUAIS NO ENSINO MÉDIO

Neste capítulo, versaremos sobre os resultados da pesquisa sociocultural realizada com os alunos; sobre a essência dos cafés; a metodologia da pesquisa-ação e as atividades realizadas a partir do “Café com Arte Contemporânea: tramas e poéticas para as artes visuais no Ensino Médio”.

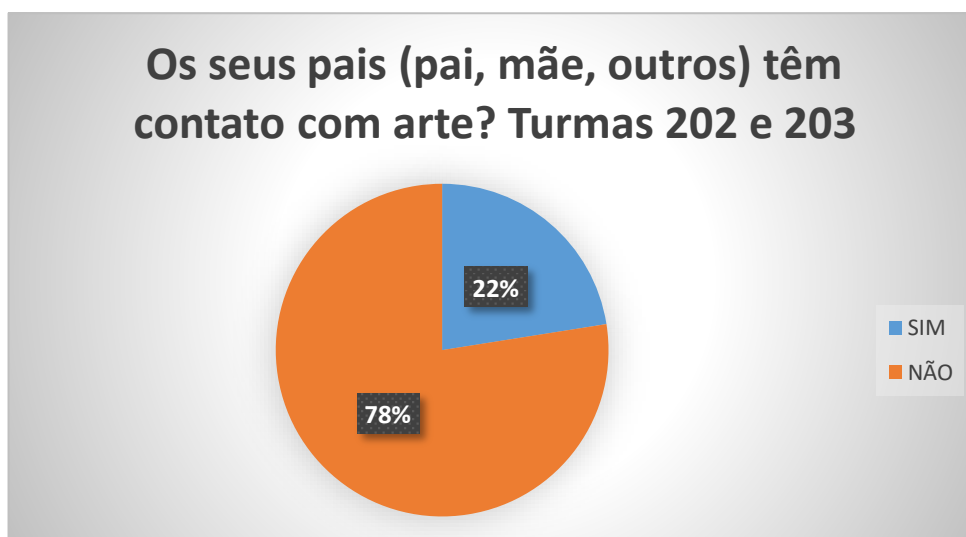
4.1 DIAGNÓSTICO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Antes da etapa prática do Café com Arte, percebemos a necessidade de coletar dados importantes sobre o contexto sociocultural do aluno. Para entendermos se esse ambiente poderia influenciá-lo na sua dificuldade de entendimento da arte contemporânea.

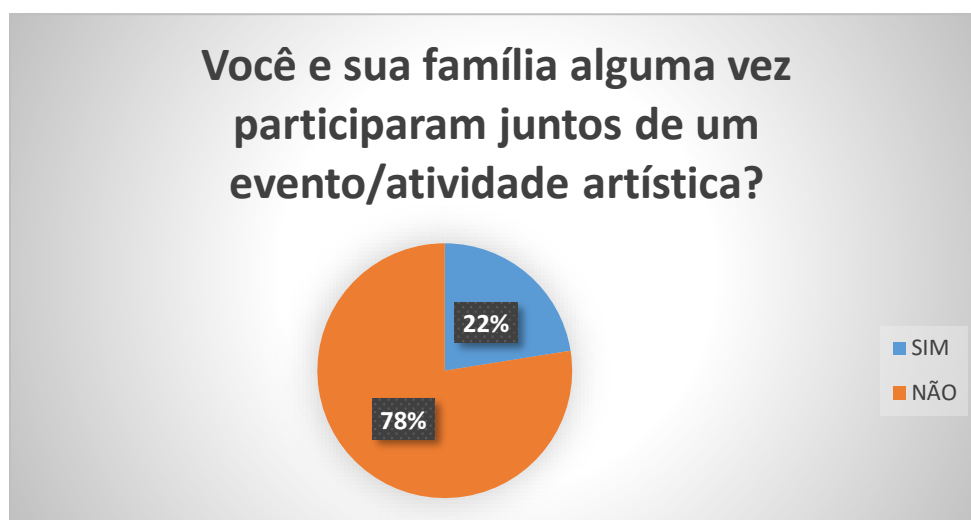
A escola em que foi realizada o citado diagnóstico é o Centro de Ensino Cidade Operária I, situada no Bairro Cidade Operária, periferia de São Luís, a mesma atende nos três turnos um total de 1034 alunos do ensino médio.

Apresentaremos em formato de gráfico o resultado de um questionário com os alunos do 2º ano, turmas 202 e 203, num total de 65 alunos, sendo que apenas 40 responderam e devolveram o questionário. Em resposta às seguintes perguntas:

Gráfico 1 – Resultado da sondagem realizada com alunos das turmas 202 e 203



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

Gráfico 2 – Resultado da sondagem realizada com alunos das turmas 202 e 203

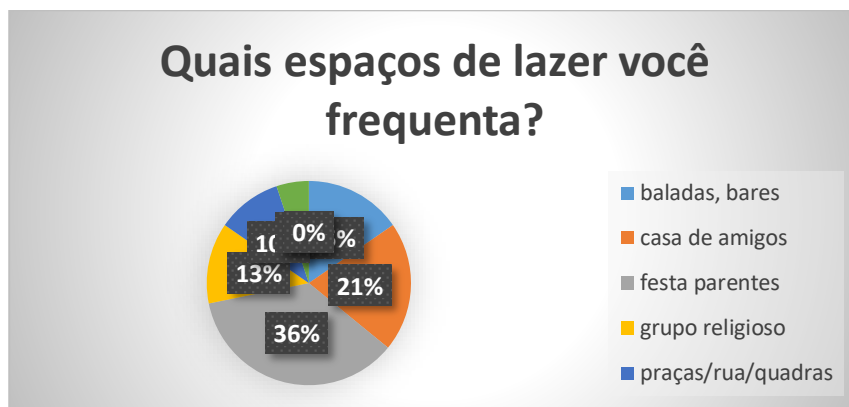
Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

Os dois gráficos acima são resultados de questionamentos feitos aos alunos da turma 202 e 203 sobre a relação dos seus responsáveis com a arte. Mostram que os pais/responsáveis, em sua maioria, atualmente não vivenciam ambientes que propiciam o contato com as linguagens artísticas, individualmente ou juntamente com seus filhos. Concluímos que provavelmente não foram estimulados pela sua própria família, e/ou não tiveram oportunidades e/ou condições financeiras favoráveis para um significativo contato com arte, o que pode resultar em um efeito recorrente em relação aos seus filhos, neste caso, os alunos da turma 202 e 203.

Gráfico 3 – Resultado da sondagem realizada com alunos das turmas 202 e 203

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

Gráfico 4 – Resultado da sondagem realizada com alunos das turmas 202 e 203



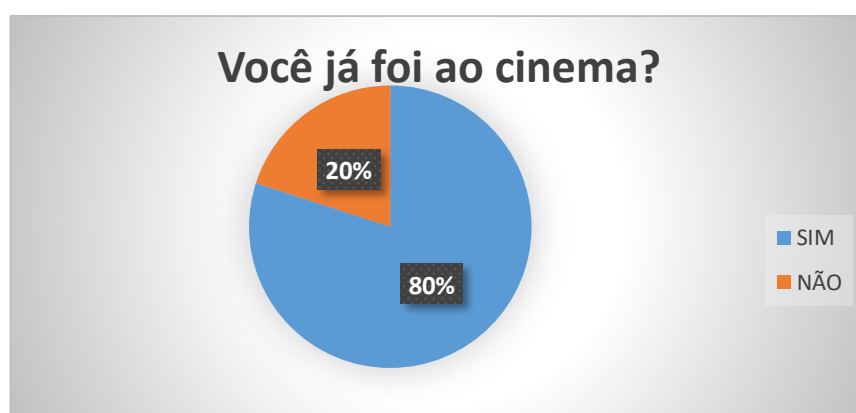
Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

Gráfico 5 – Resultado da sondagem realizada com alunos das turmas 202 e 203



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

Gráfico 6 – Resultado da sondagem realizada com alunos das turmas 202 e 20



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

Os gráficos 03, 04, 05 e 06 revelam as atividades desenvolvidas e os ambientes frequentados pelos alunos quando estão fora da escola e nos seus momentos de lazer. Entendemos que são momentos salutareos e de confraternização, que fortalecem laços familiares e de amizade, benéficos para a construção social do indivíduo.

Notamos que uma parcela significativa dos alunos assiste à TV e pratica a leitura, são dados importantes, visto que além de assistir à televisão ser um hábito cultural brasileiro, através dela, os alunos têm acesso a imagens, movimentos e sons, que são elementos das linguagens artísticas. Já o acesso à literatura propõe uma construção crítica da realidade, a empatia e o desenvolvimento da imaginação. Por último, a música aparece como a mais consumida entre os alunos, o que não foi surpresa, visto ser a linguagem mais popular e de fácil acesso, congregando gostos e multidões. Em pesquisas³³ feitas com alunos de ensino médio na internet [...] foi registrado que 90% dos alunos escutam música por cerca de 7 horas por dia, no ônibus, na escola, em casa, na rua, em todo lugar. São ações que direta ou indiretamente oportunizam interrelações com as outras linguagens artísticas, porém, percebemos que os alunos não conseguem estabelecer essa conexão, por isso consideramos a necessidade de um trabalho junto aos alunos nesse sentido.

Em relação aos gráficos 04 e 05 constatamos que eles pouco frequentam locais que oferecem contato com as linguagens artísticas, tais como museus/galerias e *lan houses*, onde poderiam realizar pesquisas ou acessar obras e espetáculos virtualmente. A ida às exposições de arte, local que oportuniza contato real com as obras de arte, foram proporcionadas principalmente pela escola. O gráfico 05 revela o poder atrativo do cinema entre os alunos, fato que pode ser utilizado na escola, incentivando-os a conhecer mais a produção cinematográfica, seu cotidiano e a produzir cinema na escola.

Os resultados apresentados aqui nos mostram que a maioria dos alunos vivenciam ambientes que não estimulam o contato com a arte, seja no ambiente familiar ou no entorno da sua residência. Essas constatações motivaram a necessidade de encontrar caminhos pela pesquisa para viabilizar o contato dos

³³ Cf. Portal Em diálogo – Ensino Médio, 2012.

alunos com esses saberes artísticos, na tentativa de mudar futuramente essa situação.

4. 2 CAFÉS E A ARTE DA CONVERSA

O ato de conversar e escutar o outro dinamiza e enriquece as relações pessoais tanto no convívio familiar quanto na escola. “No momento em que se perde a confiança no excesso de imagens que varre o mundo, contar histórias se transforma em um jeito de se aproximar do outro e, na troca entre ambos, de gerar sentido em si e no outro”. São exercícios pessoais de conflitos, participação e entendimento, induzindo nos sujeitos o respeito ao próximo, à diversidade e o seu próprio entendimento de mundo (Canton, 2009, p. 37).

Para Veríssimo (2015), a tertúlia, ou arte da conversa, ou a conversa transformada em ritual é uma das artes que existe na Espanha desde o século XVIII e grandes movimentos artísticos, literários e políticos nasceram em tertúlias famosas de bar. E o que dizer dos efervescentes cafés em Paris, desde a sua origem, os primeiros datam de meados do século XVII, com a função de reunir para discutir, conversar e conspirar, entre um gole e outro da bebida.

Desde as suas origens até os dias atuais, os cafés possibilitam aos grandes pensadores, artistas, intelectuais, escritores, mecenas e pessoas comuns relacionarem o ato de tomar café com o ato de conversar, divulgar ideias, refletir. Um momento de memória, de convívio e socialização. Cohn (2008) aponta a importância desse convívio para o crescimento artístico cultural do aluno:

Ao visitar exposições e conversar com artistas, o contato matérico e direto com a arte e com a figura do artista se mostra como um divisor de águas em todo o processo [...] os alunos desconstróem conceitos preconcebidos, renovando sua percepção e apreensão. (COHN, 2008, p. 553).

Entendemos que o contato com o artista visual contemporâneo e suas produções artísticas, dentro do espaço da escola ou em espaços expositivos, proporciona ao aluno uma visão da arte como processo ativo e dinâmico, que se relaciona com o atual momento em que vivemos e, que, na sua essência, trabalha com temas como a crise social e política, o feminicídio e a questão de gêneros etc. que são pertinentes à contemporaneidade.

Para Barbosa (2016), o artista acredita que por si só não ensina, que não consegue estabelecer essa relação com o público, mas, necessariamente, por ser artista, ele tem muito o que ensinar. Ele pode ser a “ponte” para que o aluno

perceba esse olhar estético do artista, ou como “Nietzsche chama “distância artística das coisas e das pessoas”, que permitiria “examinar suas vidas sob uma dada perspectiva, a ponto de podermos rir e chorar de nós mesmos, a fim de tornarmos-nos os poetas – os autores de nossas vidas, principiando pelas coisas mínimas e cotidianas”. Entendemos como uma ressignificação do olhar do aluno, tornando-o sensível esteticamente e apto a relacionar a arte com objetos, indivíduos ou até mesmo com suas vidas. (NIETZSCHE, 2011, p. 202 apud SABINO, 2016, p. 150).

4.3 A METODOLOGIA PESQUISA-AÇÃO

Utilizamos como método de investigação científica a pesquisa-ação, em que a pesquisa se desenvolve em associação com uma ação, na tentativa de resolução de um problema de cunho coletivo e os participantes (professor e aluno), estão ligados de forma colaborativa ou participativa.

A escolha da Pesquisa-Ação como método está apoiada principalmente no entendimento de Pimenta; Franco (2012), que referendam essa forma de pesquisar a concomitância de pesquisa e de ação, de pesquisadores e de práticas, com a finalidade de transformação social, contribuindo com a formação crítica dos sujeitos da prática.

Sendo assim, colocando-nos como professores-pesquisadores estivemos envolvidos no meio pesquisado de forma efetiva, mediando as ações, as apresentações e as produções em sala de aula. O alunado nas ações de pesquisa sobre artistas estudados e no diálogo com os artistas durante a realização dos cafés, buscou, a partir dessas experiências, dar um novo sentido para o ensino das artes visuais contemporâneas.

De acordo com Pimenta; Franco (2012), é preciso pensar sobre a capacidade reflexiva desse exercício. É fundamental que a prática deva estar aliada ao exercício da práxis, que renova e rearticula a pesquisa, abrindo espaço para a construção de saberes. Consideramos para tal reflexão as vozes dos sujeitos envolvidos, suas perspectivas, seus sentidos, discordância, para registro e posterior interpretação do professor-pesquisador, como forma de compormos a prática investigada.

A pesquisa-ação coloca o professor-pesquisador em sua própria prática, com o sentido de transformá-la em local de ação e reflexão, estimulando novos olhares sobre a pesquisa de ensino da arte contemporânea e exercitando no aluno um olhar de pesquisador. Nesse trabalho, procuramos combinar o diálogo entre artistas e alunos e as vivências nas propostas pedagógicas.

O primeiro passo dado para a realização deste trabalho junto à comunidade escolar foi a proposição de uma roda de conversa. Nessa ocasião, após os contatos já realizados com a parte diretiva da escola, foi feita a apresentação do Projeto aos alunos das turmas 202 e 203 do segundo ano, com detalhamentos sobre a metodologia e os conteúdos a serem trabalhados.

Nessa ocasião foi feita uma contextualização histórica do Café com Arte Contemporânea, a realização dos primeiros cafés realizados na escola. Em seguida, acrescentamos que as atividades do projeto iriam ocorrer mescladas às aulas de Arte e os critérios para participar do projeto de pesquisa seriam: o interesse pelos estudos e a motivação para as atividades próprias da pesquisa a serem executadas. Os alunos mostraram-se curiosos e interessados em participar da atividade proposta. Nesse momento tiveram a oportunidade de expor as suas expectativas referentes ao desenvolvimento do trabalho.

Listaremos a seguir as principais estratégias utilizadas pelos professores:

- a) Aulas expositivas;
- b) Leituras e debates sobre textos (apostilas, artigos e críticas publicadas);
- c) Leitura de imagens (estáticas e em movimento);
- d) Encontros com artistas; visita a exposições de arte contemporânea em museus e galerias;
- e) Criação e construção de trabalhos plásticos baseados nas poéticas dos artistas convidados e exposições destes trabalhos para a comunidade escolar;
- h) Discussão e escrita de textos sobre as experiências vividas;

Em outro momento, foi realizada uma sondagem do perfil da turma. Isso se deu por meio de um diálogo sobre o que é Arte Contemporânea, o que a caracteriza, o que conhecem e quais as dúvidas sobre o assunto. Pedimos que fizessem anotações sobre o assunto em discussão, o que nos possibilitou dar um prosseguimento significativo ao trabalho. Com a finalização do diálogo, foi possível verificar que a maioria ainda considera a Arte Contemporânea como algo esquisito

e tem dúvidas se realmente é arte. Constatamos através dos gráficos que esses pensamentos ocorrem pela quase inexistência de contato desses alunos com as artes visuais contemporâneas.

Iniciamos essa atividade esclarecendo que o vídeo “Quem tem medo de Arte Contemporânea?”, das diretoras Cecília Araújo e Isabela Cribari, tinha o objetivo de dar continuidade aos diálogos sobre os conceitos de arte contemporânea, feitas por artistas, críticos de arte e público.

Na aula seguinte, os alunos fizeram a leitura e discussão do texto “Provocações da arte”, que trata da revolução na arte iniciada por Marcel Duchamp com a obra “Fonte”. Em seguida, eles foram orientados a escrever um texto sintetizando as ideias discutidas com os colegas (Ferrari, 2016, p. 23).

Na sequência das aulas, os alunos sempre recebiam com antecedência uma tarefa que incluía a leitura de um texto ou uma pesquisa a ser realizada, cuja temática girava em torno das linguagens da arte visual contemporânea. Na aula seguinte, deveriam apresentar seus questionamentos sobre a pesquisa realizada. Ao final de cada aula, eram solicitados resumos, mapas conceituais ou pesquisas para verificação processual.

Inicialmente um dos objetivos do projeto era convidar cinco artistas para o Café com arte, entretanto, alguns foram impedidos de participar por vários motivos. Adaptando-nos às mudanças, conseguimos a visita de dois artistas visuais nas dependências da escola e um artista nos recebeu em uma galeria de arte, onde estava expondo seus trabalhos. Além disso, levamos os alunos a duas exposições de arte.

4.4 EXPOSIÇÃO “POÉTICA DO INFINITO”, DA DUPLA CANTONI-CRESCENTI, NO CENTRO CULTURAL VALE MARANHÃO

A primeira exposição que os alunos visitaram, em maio de 2019, foi a Exposição Poética do Infinito, da dupla Cantoni-Crescenti, com participação de Raquel Kogan, no Centro Cultural Vale Maranhão. Nessa visita, tivemos a companhia da professora de Educação Física, Deuziane F. Brito Gadelha.

O Centro Cultural Vale Maranhão, situado no centro histórico de São Luís, desde 2017, tem como principais objetivos dar oportunidades para artistas, criadores, produtores de cultura local, cedendo o espaço para exposições, oficinas

e shows e proporcionando ao público a interação com a produção cultural e com a arte.

Figura 20 – Alunos na Exposição “Poéticas do Infinito”. Cantoni-Crescente, 2019



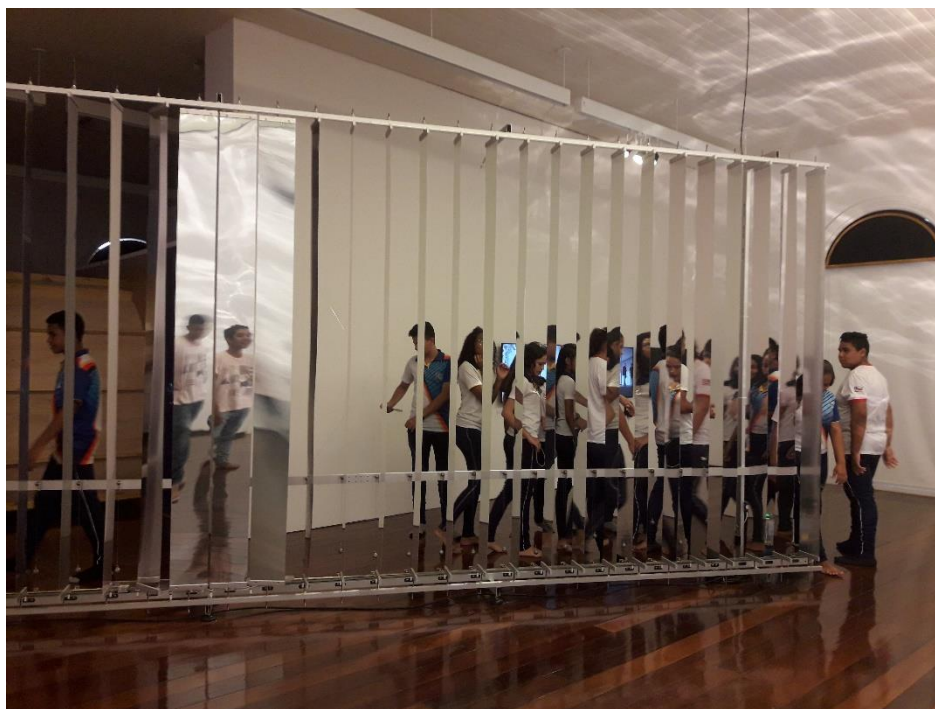
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 21 – Alunos na Exposição “Poéticas do Infinito”. Cantoni-Crescente, 2019



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 22 – Alunos na Exposição “Poéticas do Infinito”. Cantoni-Crescente, 2019



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 23 – Alunos na Exposição “Poéticas do Infinito”. Cantoni-Crescente, 2019



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

O objetivo dessa visita foi propiciar aos alunos o contato com as produções visuais contemporâneas. “As obras expostas são visualmente exuberantes e fortemente poéticas, que aguçam nossos sentidos para além da visão, alterando as nossas visões e convidando a reflexão” (PORTA, 2019). As instalações envolviam materiais alternativos, tecnologia e convidavam os alunos a interagirem, características comuns da arte produzida na contemporaneidade. Essa interação, o toque nas obras foi uma experiência ímpar para os alunos, principalmente para aqueles que foram pela primeira vez a uma exposição de arte. A experiência foi mensurada com discussão em sala de aula e produção textual.

4.5 EDI BRUZACA

No dia 12 de junho de 2019, os alunos visitaram a Galeria Trapiche - Santo Ângelo, onde estava acontecendo a Exposição de grafite, Riscos e Rabiscos – Cores Urbanas. Tivemos a companhia da professora de Matemática, Léa Azevedo. A Galeria Trapiche Santo Ângelo está vinculada à Prefeitura de São Luís, administrada pela Secretaria Municipal de Cultura, localizada no Bairro da Praia Grande.

Figura 24 – Alunos e o artista Edi Bruzaca na Exposição “Riscos e Rabiscos”, 2019



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 25 – Alunos e professoras Léa Azevedo e Evarista Guimarães na Exposição “Riscos e Rabiscos”, 2019



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 26 – Alunos na Exposição “Riscos e Rabiscos”, 2019



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Foi um Café com arte contemporânea diferente, nas dependências de uma galeria, um ambiente que incitava os sentidos, a curiosidade e a reflexão. O nosso anfitrião foi grafiteiro Edi Bruzaca, considerado um dos artistas maranhenses de grande destaque, que também estava expondo várias de suas obras. Formado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão, em 2018. Começou a fazer grafite nos anos 2000, o interesse surgiu quando viu uma grafiteagem, perto da sua casa, produzido pelo grupo Código Visual. Atualmente Edi Bruzaca participa do coletivo de graffiti Víru's Urbano Crew e de eventos de grafite em São Luís e em outras cidades do país.

Foi uma conversa esclarecedora³⁴, que desfez muitos mitos e preconceitos sobre os grafiteiros e suas práticas. Percebemos pelos comentários dos alunos, o olhar, a postura deles, o antes e depois do diálogo com Bruzaca. A ida à exposição envolvia um convite para uma oficina de Graffiti, mas infelizmente por conta do preço da oficina, os alunos não participaram. Em sala de aula propus que realizássemos uma grafiteagem na escola, mas infelizmente não foi possível, novamente pelo alto custo dos materiais, e com aproximação das férias escolares, os alunos não demonstraram muito interesse. Mas os alunos produziram texto sobre as discussões empreendidas durante a visita (grafiteagem, pichação, preconceito da sociedade, perseguição da polícia, alto custo dos materiais utilizados).

4.6 MARIA ZEFERINA

A forma como a artista representa a mulher, da sua forma mais natural, não é pra confrontar a sociedade e sim pedir uma simples igualdade de gênero, ela de certa forma está querendo dizer que as mulheres, as pessoas devem ser livres.

A.P

Em 06 de setembro de 2019, no Café com Arte Contemporânea, recebemos Maria Zeferina, artista e design de moda, que trabalha *street art* com a técnica de lambe-lambe (técnica feita por meio de cartazes colados em espaços públicos), o *estêncil* e o graffiti. Também realiza performances, sua temática mais

³⁴ Link para acessar vídeo com parte da conversa com o artista Edi Bruzaca: <https://youtu.be/jNkzVFISAag>.

recorrente tem sido questões de gênero e o lugar da mulher na sociedade. Suas obras estão principalmente nos muros e paredes do Centro Histórico de São Luís.

A artista Maria Zeferina abordou em sua conversa temas que fazem parte de seu universo artístico, como a liberdade de gênero, empoderamento feminino e a desmistificação da nudez feminina, além de dar detalhes sobre a sua inserção no ambiente masculino do grafite. Destacou o fato de sua obra *Marias*³⁵, que contém imagens de três mulheres, uma das quais com os seios à mostra, ter sido pichada com a frase “Ustra vive”. No local, Maria Zeferina se reuniu com alguns amigos e artistas, que realizaram protestos e transformaram a frase anterior em “Mostra as tetas vive”. Houve uma interação genuína entre a artista e os alunos, visto que os temas de suas produções são bastante atuais, o que levou muitos alunos a participarem, questionando e dando depoimentos.

Figura 27 – Alunos e a artista Maria Zeferina



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

³⁵ Essa obra fez parte da Mostra Sesc Guajajaras 2016 e está na Rua do Egito, Centro de São Luís.

Figura 28 – Alunos e a artista Maria Zeferina



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

4.7 DINHO ARAÚJO

No dia 23 de outubro, o convidado do Café com Arte Contemporânea foi o artista visual e produtor cultural maranhense Dinho Araújo, natural da cidade de Pinheiro, Graduado em Educação Artística, pela UFMA, e Mestre em Antropologia, pela Universidade Federal da Paraíba.

Em sua apresentação, Dinho falou sobre suas produções artísticas, os materiais que usa, a técnica do lambe-lambe e a fotografia como matéria-prima de seus trabalhos, na apropriação de espaços urbanos. Ao abordar os temas de suas produções artísticas, citou a situação de exclusão social e morte de muitos jovens negros e das mulheres no país. Citou especificamente a morte da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, assassinada em março de 2018, e lembrou que a sua luta contra o racismo e a violência, em especial contra jovens e mulheres não foi em vão.

Chamou a atenção ainda para o fato de a arte ser um veículo de informação e reflexão para as situações excludentes no país. Nesse sentido, mostrou um cartaz “Mãe Preta” com as fotos de várias mulheres negras que lutaram pela liberdade e igualdade de direitos socioculturais no país, convidando os alunos a realizarem uma leitura da imagem impressa e, em seguida, experimentarem a técnica do lambe-lambe. Alguns alunos voluntariamente participaram da experiência, o cartaz encontra-se hoje na parede da escola. Após, compartilhamos um café delicioso

Figura 29 – Experiências com o artista Dinho Araújo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 30 – Experiências com o artista Dinho Araújo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 31 – Experiências com o artista Dinho Araújo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 32 – Experiências com o artista Dinho Araújo



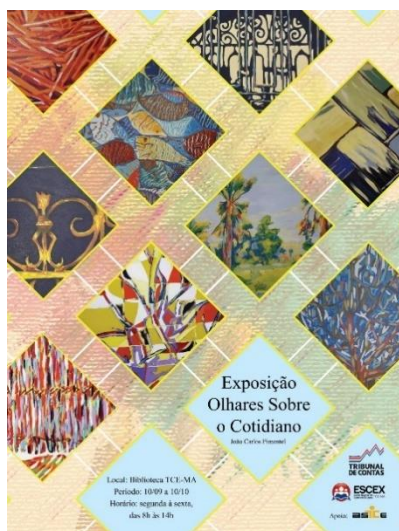
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

4.8 JOÃO CARLOS PIMENTEL

A visita do artista visual, professor e escritor da arte maranhense, João Carlos Pimentel, estava marcada para o dia 19/03/20, mas no dia 17/03/20 foram suspensas as aulas de todas as escolas do estado do Maranhão por causa da pandemia e assim ficamos impossibilitados de realizar o Café com Arte Contemporânea na escola.

Com as aulas presenciais suspensas, começamos a utilizar as aulas remotas, uma forma de dar continuidade ao ano letivo de 2020. Nesse mesmo período, foi produzido o documentário “João Carlos, um artista de múltiplos talentos”, pelos alunos do Prof-Artes/UFMA. Nele podem ser vistos relatos sobre a vida, a sua produção artística e detalhes da exposição “Olhares sobre o cotidiano”, que estava acontecendo na biblioteca do Tribunal de Contas do Estado, no período de 10 de setembro a 10 de outubro de 2019.

Figura 33 – Cartaz da Exposição “Olhares sobre o Cotidiano”



Fonte: João Carlos Pimentel (2019).

Figura 34 – Artista João Carlos Pimentel na Exposição “Olhares sobre o Cotidiano”



Fonte: João Carlos Pimentel (2019).

Dessa forma, resolvemos dar continuidade ao projeto, solicitando que os alunos assistissem ao documentário³⁶ “João Carlos, um artista de múltiplos

³⁶ Link do documentário “João Carlos, um artista de múltiplos talentos”: <https://youtu.be/XZbFaJ5faAc>.

talentos” e entrassem no Instagram³⁷ do João Carlos Pimentel e visualizassem algumas obras suas, em uma exposição virtual, em comemoração aos vinte anos de sua carreira artística. Em seguida, deveriam fazer suas considerações e formular perguntas para serem repassadas para o artista.

4.9 OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA

A pesquisa-ação, conforme visto anteriormente, caracteriza-se por uma metodologia que contempla diversas etapas. Vivenciamos algumas durante esta pesquisa. Sobre essas etapas, Pimenta e Franco (2012, p. 121) observa:

Assim o método da pesquisa-ação deve contemplar o exercício contínuo de suas diversas etapas, por meio das espirais cíclicas: planejamento, ação, reflexão, pesquisa, resignificação, replanejamento em um movimento que busca ações cada vez mais ajustadas às necessidades coletivas; que produz novas reflexões para o aprofundamento da pesquisa. (PIMENTA e FRANCO, 2012, p. 121).

Nesse sentido, procurou-se concluir uma das etapas do projeto, a produção de trabalhos artísticos pelos alunos, exercitando o planejamento das ações aliadas à práxis, no sentido de oportunizar transformações de sentido.

4. 9.1 A Performance

Eu tive muita dificuldade porque assim como outros colegas eu não concordava com o tema da performance. O que mais me marcou foi o desempenho da sala, quando a professora fez um discurso para nos motivar.

(M. S.)

Como abordagem metodológica de trabalho, optamos por trabalhar com a arte como área do conhecimento, buscando aspectos cognitivos aliados ao fazer artístico, partindo do universo social dos alunos, utilizando, para isso, as propostas da Abordagem Triangular e Cultura visual, que enfatizam o ensino da arte a partir da contextualização do fazer e da leitura e as práticas sociais e estéticas vivenciadas pelos alunos.

Ao longo do mês de setembro, foram realizadas palestras na escola, rodas de conversa e mostras de vídeos com o tema “Setembro amarelo e a Saúde Mental”, com o objetivo de discutir a importância da saúde mental, prevenção do

³⁷ Endereço do Instagram: @jcpcartes.

suicídio e automutilação. Realizamos essas discussões juntamente com os temas feminicídio e questões de gênero, abordados nas obras da Maria Zeferina.

A experiência estética em sala de aula foi pensada como uma performance, visto que era esse o conteúdo que estávamos estudando e que se desdobra em múltiplos questionamentos, como experiência e desafio para todos os envolvidos, pois, como dizem Ferraz; Fusari (2010, p. 22), geralmente o que falta no ensino de arte são abordagens que garantam que os alunos conheçam, vivenciem aspectos inventivos e expressivos nas mais variadas linguagens artísticas, relacionando-as à sociedade em que vivem. Quando o assunto em questão faz parte do universo do aluno, a arte torna-se elemento importante, que induz à reflexão e transformação desse aluno.

Após votação, foram escolhidos os títulos “Eu sou você” e “Amarre-se à liberdade”, para as duas performances, que seriam apresentadas pelos alunos das turmas 202 e 203, respectivamente. Foram realizadas pesquisas pelos alunos, sobre a linguagem artística performance, mostras de vídeos e muitas discussões sobre performance, depressão e os preconceitos na contemporaneidade. O próximo passo era construção da performance. Optamos por trabalhar com jogos teatrais (Viola Spolin)³⁸, envolvendo a expressão corporal, objetivando a criatividade/espontaneidade/pertencimento de grupo.

Os ensaios realizados com os alunos da turma 203 fruíam positivamente, sem grandes dificuldades. Eram mais maduros nas suas propostas e questionamentos durante as aulas e os ensaios. Percebemos que alguns alunos possuíam um repertório cultural acima da média, em relação à leitura, constante ida a cinemas, shows e principalmente pelo fato de alguns já trabalharem na época, ajudando no sustento de casa, o que favorece a maturidade.

Outro ponto importante eram as lideranças que influenciavam positivamente os outros colegas na realização dos ensaios e tarefas necessárias à construção da performance. Os líderes ficaram responsáveis pela divisão de tarefas relacionadas à escolha dos protagonistas; música; roupas e acessórios; escolha

³⁸ Viola Spolin criou vários jogos teatrais que focam na criatividade individual, adaptando e focando o conceito de jogo como chave para abrir a capacidade de autoexpressão criativa.

das palavras a serem escritas nas faixas etc. A preocupação maior era solicitar à coordenação mais horários e locais para os ensaios.

Figura 35 – Alunos da turma 203 em processo de criação da performance



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 36 – Alunos da turma 203 em processo de criação da performance



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 37 – Alunos da turma 202 em processo de criação da performance



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 38 – Alunos da turma 202 em processo de criação da performance



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 39 – Alunos da turma 202 em processo de criação da performance



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 40 – Alunos da turma 202 em processo de criação da performance



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 41 – Alunos da turma 202 em processo de criação da performance



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 42 – Alunos da turma 203 em processo de criação da performance



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Já na turma 202, havia uma tensão constante. Alguns alunos sempre levando os ensaios como uma brincadeira, encarando as idas ao pátio para ensaios como uma fuga das aulas, que aparentemente eram um suplício. Outros aproveitavam e fugiam dos ensaios para outras dependências da escola. Em

contrapartida, constantemente estávamos dialogando com os mesmos, apontando a importância do trabalho que estávamos realizando.

Percebemos realmente algo “errado” quando em um momento de conversa, na sala 202, alguns alunos informaram que não iriam participar da performance. Os motivos variavam entre a dificuldade em criar uma performance até a timidez e vergonha de ensaiarem ou se apresentarem no pátio da escola. Naquele momento pensei em acatar a decisão desses alunos, a maioria, e desistir do trabalho, levando os poucos alunos que se posicionaram a favor da atividade para trabalhar com a turma 203.

Nesse momento ocorreu um comentário do professor Antônio, de Filosofia, durante as várias conversas que tínhamos sobre as particularidades e dificuldades que os professores enfrentavam com alguns alunos dessa turma. “Durante o processo educativo, os professores esquecem que os alunos têm a liberdade de não aceitar ou participar da metodologia empregada”. Essa constatação nos levou a questionar: Por que os alunos da turma 203 estão deslanchando no processo de criação da performance e a turma 202 não consegue? É o método? O professor? Onde está o problema? Como superar o jogo do silêncio e o apego às atitudes defensivas, o embaraço, a vergonha, a timidez? (FRANCO, 2012, p. 118).

Buscamos no questionário sociocultural respostas para dar continuidade aos ensaios da performance. Percebemos que a maioria dos alunos da turma 202 não participavam de eventos artísticos juntamente com os pais, sendo que esses também não possuíam o hábito de ir a eventos relacionados à arte. Restou à escola mediar o contato com as linguagens artísticas, o que foi confirmado pelos alunos. Esse fato vem refletir em atitudes descompromissadas, timidez e a falta de interesse do trabalho em grupo, comportamentos que foram trabalhados a partir dos exercícios teatrais visando à aproximação dos alunos/elenco para melhor fluência no trabalho em construção.

Valença (2015) nos levou a refletir sobre esse momento, sobre o desafio de se pensar a ação no momento em que ela acontece e reconhecer a posição de sujeito ativo desta ação. Isso é essencial durante os processos de criação, porque nos tira da zona de conforto imposta pelo distanciamento temporal que estamos acostumados a viver e nos faz entrar em contradição, perceber os erros, através da regulação e observação e superá-los.

Foram os momentos mais desafiadores que enfrentamos durante o projeto. Mudar algo que parecia perfeito e bem construído para oportunizar aos alunos da turma 202 essa experiência. Tínhamos certeza de que seria marcante na vida deles, pois nenhum deles já havia feito algo desse tipo: a criação de uma performance e a apresentação para todos da escola. Precisávamos de que eles confiassem no nosso trabalho, que se sentissem seguros e capazes de realizarem mais esse desafio e se tornarem protagonistas do seu próprio aprendizado.

A revisão de nossas ações permite a transformação delas, assim no âmbito da pesquisa-ação, ao vivenciarmos a reflexão, consideramos ressignificar a prática, replanejando o plano de atividades para trabalhar com os alunos: especificamente a timidez, a autoestima e o trabalho em equipe.

Os ensaios: começamos a trabalhar em duplas a partir do jogo teatral “o espelho”, para que os mais tímidos se sentissem apoiados; escolhemos lideranças para marcarem o início e mudanças de tempo na performance; líderes de equipes na realização das pesquisas sobre cenário, músicas, acessórios e roupas que seriam usadas durante a apresentação. Levamos algumas dessas decisões para os ensaios com a turma 203, buscando também otimizar os ensaios.

Figura 43 – Alunos da turma 202 no dia da apresentação da performance “Eu sou você”



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 44 – Alunos da turma 202 no dia da apresentação da performance “Eu sou você”



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Na manhã de 29 de outubro de 2019, todas as ações anteriores citadas resultaram na apresentação pela turma 202 da performance sensível e altamente reflexiva sobre a depressão “Eu sou você”³⁹, tendo ao fundo a música “Mais uma vez”, da banda Legião Urbana, cantada por Igor, aluno do terceiro ano.

Em seguida, a turma 203 apresentou a performance “Amarre-se à liberdade”⁴⁰, em que dialogava sobre preconceitos causados a partir da opção religiosa, de gênero e raça. Ao fundo, a música “Indestrutível”, de Pabllo Vittar. Ao término das apresentações foi solicitado aos alunos que respondessem um questionário sobre o processo de criação e realização da performance. Alguns entregaram e outros não, como é comum no processo.

4.9.2 A produção dos cartazes e a Técnica do lambe-lambe

Logo depois da visita do artista Dinho Araújo à escola, propomos aos alunos que trabalhássemos a criação de cartazes com a técnica do lambe-lambe. As duas turmas aceitaram e iniciaram as pesquisas sobre temas e materiais necessários para a atividade. O tema escolhido foi “a cara dos alunos do segundo ano de 2019”. A imagem deveria versar sobre os interesses, gostos e atitudes

³⁹ Vídeo da apresentação disponível em <https://youtu.be/UpDEEgn7ns>.

⁴⁰ Vídeo da apresentação disponível em <https://youtu.be/ODBFZpCd3Gs>.

deles. Era como um túnel do tempo para se lembrarem daqui a dez anos. A maioria dos alunos não possui computador ou notebook, o laboratório de informática da escola está sem funcionar há mais de seis anos. Diante dessa eventualidade, decidimos utilizar a colagem de imagens de revistas, jornais etc. juntamente com a técnica do lambe-lambe para produção dos cartazes. Essa atividade foi realizada em equipe e os cartazes foram colocados nas paredes da escola.

Verificamos que, a partir desse contato com os artistas e durante suas próprias produções artísticas, os alunos atingiram níveis de percepção mais elevados, induzindo ao crescimento, à mudança de postura de alguns, a segurança ao se comunicar com o outro, o olho no olho, a partilha. Agora não era mais permitido baixar a cabeça por causa de suas escolhas e era perceptível o orgulho ao escutar elogios dos outros colegas e de professores sobre a maneira tão sensível e organizada de abordar temas tão difíceis. Os seus comentários nos mostram isso:

Aluno 1: *“Foi difícil a montagem da performance, pensei em desistir, pois achei que não daria certo. Mas aprendi coisas novas, tive paciência e pensamento positivo para que tudo ocorresse bem. O que mais me marcou foram os ensaios, pois aprendi mais.”*

Aluno 2: *“Nunca pensei em desistir... Foi muito bom eu ver alegria de todos nos exercícios teatrais, foi uma experiência que eu ainda não tinha vivido.”*

Aluno 3: *“No começo por não entender o que era realmente devíamos fazer, tive vontade de desistir. O meu personagem me comoveu mais pelo fato de conhecer pessoas que passam por essa situação.”*

Aluno 4: *“Essa foi minha primeira vez que fiz uma performance, vou levar para a vida toda.”*

Aluno 5: *“Antes eu achava a arte desnecessária, pois não tinha sentido, mas agora sei que ela é necessária para poder pensarmos sobre o que acontece ao nosso redor.”*

Aluno 6: *“Eu tinha uma concepção muito fechada, não achava que tinha artistas bons aqui em São Luís e pude perceber que estava enganada.”*

Aluno 7: *“Arte para mim era só uma tela pintada, um artesanato, só isso, mas com o projeto café com arte, minha percepção sobre arte, o que é realmente arte mudou. Hoje para mim arte vai muito além de telas pintadas ou artesanato.”*

Figura 45 – Alunos da turma 202 produzindo cartaz/ técnica lambe-lambe



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 46 – Alunos da turma 202 produzindo cartaz/ técnica lambe-lambe



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 47 – Alunos da turma 202 produzindo cartaz/ técnica lambe-lambe



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 48 – Alunos da turma 202 colando cartaz/ técnica lambe-lambe



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 49 – Alunos da turma 202 colando cartaz/ técnica lambe-lambe



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Figura 50 – Alunos da turma 202 à frente do cartaz produzido por eles / técnica lambe-lambe



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

O contato dos estudantes com a arte contemporânea por meio do diálogo com artistas e, em seguida, a criação de suas próprias produções artísticas contextualizadas com as suas realidades garantiram aos mesmos que vivenciassem experiências técnicas, inventivas e expressivas como bem afirmava Ferraz; Fusari (2010). Nesse sentido, a concebemos como “as experiências reais”, que Dewey afirmava ser aquelas coisas de que dizemos ao recordá-las: isso é que foi experiência!!”, marcantes e significativas (DEWEY, 2010, p.110).

Em seguida, passaremos às considerações finais da pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por um ensino de artes visuais contemporâneas mais dinâmico e propositivo nos fez decidir por oportunizar o contato direto entre artistas locais que estão produzindo dentro das linguagens artísticas contemporâneas e os alunos, através do projeto Café com Arte Contemporânea: tramas e poéticas para as artes visuais no ensino médio, vinculado ao Mestrado Profissional em Artes.

As aulas de Arte foram pensadas com a intenção de que os alunos reflitam sobre o contexto das poéticas artísticas contemporâneas, relacionando-as às discussões empreendidas no Café com Arte e às suas vivências pessoais, com vistas à construção de uma rede de conhecimentos, à formulação de uma base para novas aprendizagens e aproximação desse aluno com o universo da arte contemporânea.

Nesse contexto, executamos algumas atividades propostas no projeto, tais como a ida dos alunos à Exposição de Arte Contemporânea Poética do Infinito, da dupla Cantoni-Crescenti, com participação de Raquel Kogan, no Centro Cultural Vale Maranhão; O Café com arte com o artista Edi Bruzaca, realizado na Exposição Riscos & Rabiscos – cores urbanas, na Galeria Trapiche Santo Ângelo.

Realizamos, ainda na escola, três Cafés com Arte Contemporânea, sendo o primeiro com a artista e design de moda Maria Zeferina; o segundo com o artista visual Dinho Araújo e o terceiro de forma virtual. Nessas oportunidades, dialogamos sobre os meandros do processo criativo das performances, intervenções artísticas e pintura em tela. Em outro momento realizamos duas performances “Amarre-se à liberdade” e “Eu sou você”. Ainda uma Intervenção artística na escola, juntamente com o artista visual Dinho Araújo e suas próprias intervenções artísticas com a técnica lambe-lambe. E, por fim, tiveram a oportunidade de interagir com as obras do artista visual João Carlos Pimentel, via internet, produzindo conhecimento através de questões direcionadas ao artista sobre sua vida e obra. Finalizamos os trabalhos com a criação de um canal no YouTube para socializar os vídeos dos encontros com artistas e as produções artísticas dos alunos.

Por meio de avaliações escritas e processuais, envolvendo momentos de diálogo, de produção escrita, de trabalhos plásticos e corporais, verificamos que os alunos aprenderam a ver a arte contemporânea com um olhar mais sensível e paciente, no sentido de olhar mais uma vez, de sair do lugar comum e se permitir

experimentar sem preconceitos. Compreenderam que eles são capazes de aprender, se estimulados, podem ser protagonistas na aquisição do seu aprendizado.

A experiência oportunizada por esta pesquisa proporcionou aos envolvidos, a todo momento, a ressignificação de conhecimentos, de posturas e um olhar mais sensível, carregado de afeto entre os participantes. Pretendemos socializar com outros professores os resultados obtidos através das redes sociais, dar continuidade ao projeto e propor a interdisciplinaridade com colegas de outras áreas de conhecimento.

É uma proposta de um novo olhar sobre o ensino das artes visuais contemporâneas, mas sem esquecer de que muito trabalho precisa ser feito, sendo este apenas um início de possíveis transformações, no sentido de objetivar o vivido e o compreendido, na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Nelson. (org.). **Arte Contemporânea: Mostra do Redescobrimento**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

ABREU, Elane. VELASCO, Nina. **De 1965 para cá: contando o tempo de Opalka na pintura e na fotografia**. Discursos fotográficos, Londrina, v.5, n.6, p.77-98, jan./jun. 2009.

ALMEIDA, Eduardo A. **Sempre em Frente**. 2012. Disponível em: <http://www.artefazparte.com.br>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ARAÚJO, Cecília; CRIBARI, Isabela. **Quem tem medo de arte contemporânea?** Fundação Joaquim Nabuco, 2005 [documentário].

AROUCA, Carlos Augusto C. **Arte na escola: como estimular o olhar curioso e investigativo nos alunos dos anos finais do ensino fundamental**. São Paulo: Anzol, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. (org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. (orgs.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Ensino da Arte no Brasil: aspectos históricos e metodológicos**. 2. ed. São Paulo: UNESP/REDEFOR, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. **Porque e como: Arte na Educação**. 2016. Disponível em: <http://educacaoartistica.dge.mec.pt/assets/04>. Acesso: 28 jul. 2020.

BEZERRA, Paula Francinete. **As relações entre arte contemporânea, mediação e cultura visual: uma contribuição à pedagogia do imaginário**. São Luis: EdUFMA, 2016.

BRASIL. **Lei nº 9394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB**. Diário Oficial da União – Suplemento Executivo. Brasília, 1996.

BRASIL. Senado Federal. **Lei inclui artes visuais, dança, música e teatro no currículo da educação básica**. Agência Senado, 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/03/lei-inclui-artes-visuais-danca-musica-e-teatro-no-curriculo-da-educacao-basica>. Acesso: 27 jul. 20.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf > Acesso em: 30 de out. 2020.

BRITO, Ronaldo. **O moderno e o contemporâneo**. 2012. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/O%20moderno%20e%20o%20contemporaneo%20_ronaldo%20brito.pdf/. Acesso: 22 ago. 2020. [meio digital].

BULHÃO, Layo. **Arte contemporânea no Maranhão**. 2017. Disponível em: <https://delirioplaneta.blogspot.com/2017/03/arte-contemporanea-no-maranhao-texto-de.html>. Acesso: 14 ago. 2020.

CAMARGO, Alysso. **Rosângela Rennó: resgatar a memória do sujeito através da fotografia**. 2016. Disponível em: <https://medium.com/@alyssoncmrg/Angela-renno-memoria-sujeito-e-fotografia-contemporanea>. Acesso: 01 dez. 2019.

CANTON, Katia. **Narrativas Enviesadas**. Coleção Temas da arte Contemporânea – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CANTON, Katia. **Da Política às Micropolíticas**. Coleção Temas da arte Contemporânea – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CANTON, Katia. **Espaço e Lugar**. Coleção Temas da arte Contemporânea – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CANTON, Katia. **Do moderno ao Contemporâneo**. Coleção Temas da arte Contemporânea – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CANTON, Katia. **Corpo, Identidade e Erotismo**. Coleção Temas da arte Contemporânea – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CANTON, Katia. **Tempo e Memória**. Coleção Temas da arte Contemporânea – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CANTANHEDE, João Carlos Pimentel. **Veredas Estéticas: fragmentos para uma história social das artes visuais no Maranhão**. São Luís, 2008.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CESAREO, Matilde. **Roman Opalka: 1965-2011**. 2017. Disponível em: <https://zoomoncontemporaryart.com/2017/10/30/1965-1-%e2%88%9e-roman-opalka-1965-2011/>. Acesso: 20 ago. 2020

COCCHIARALE, Fernando. (2014). In: CRIBARI, Isabela; ARAÚJO, Cecília. **Quem tem medo de arte contemporânea?** Recife: vídeo, 28min, cor, livre. Fundação Joaquim Nabuco, 2005. (documentário)

COHN, Greice. **A arte contemporânea e o ensino médio: um encontro possibilitador de novos olhares sobre a arte**. Disponível em http://aaesc.udesc.br/confaeb/comunicacoes/greice_cohn.pdf. Acesso em: 20 ago. 2019.

COHN, Greice. O ensino da arte contemporânea possibilitando mudanças nos modos de percepção da arte. **Anais do 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas: Transversalidades nas Artes Visuais**. Bahia, 2009. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/greice_cohn.pdf. Acesso em: 12 fev. 2020. [meio digital].

COSTA, Francisca da Silva. **Movimento Gororoba**: uma mostra da produção artística contemporânea maranhense. Trabalho de Conclusão de Curso. 64f. Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. São Luís, 2005. Disponível em: <https://www.outrostempos.uema.br/curso/especializacaopdf/fran.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

DANTO, Arthur. Crítica de arte após o fim da arte. **Viso**: Cadernos de estética aplicada, v. VII, n. 14, jul./dez., 2013, p. 1-17. Disponível em: http://revistaviso.com.br/pdf/Viso_14_ArthurDanto.pdf. Acesso em: 14 fev. 2020.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda., 2010.

DOMINGUES, Diana. **A arte no século XXI**: a humanização das tecnologias. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

FAVARETTO, Celso. **Das novas figurações à arte conceitual**. São Paulo: Tridimensionalidade/ Itaú Cultural, 1997.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do Ensino de Arte**: fundamentos e proposições. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Resende. **Arte na educação escolar**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERRARI, Solange Santos U. **Arte por toda parte**. São Paulo: FTD, 2016.

GOMPERTZ, Will. **Isso é arte?** 150 anos de Arte moderna, do Impressionismo até hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GULLAR, Ferreira. **Argumentação contra a morte da arte**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1999.

GULLAR, Ferreira. **Etapas da Arte Contemporânea**: do Cubismo à Arte Contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1999.

GULLAR, Ferreira. **Vanguarda e Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1978.

HEDIGER, Natalie. Práticas da arte contemporânea: Uma abordagem pragmática a um novo paradigma artístico. Trad. Markus Hediger. **Rev. Sociologia & antropologia**, Rio de Janeiro, v.04. n. 02: p. 373-390, out., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sant/v4n2/2238-3875-sant-04-02-0373.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

IMEMORIAL. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra15670/>. Acesso em: 4 dez. 2019.

LAMPERT, Jocie. **Deambulações sobre o ensino de artes visuais contemporâneo**. São Paulo, 2010. Disponível em:

https://www.academia.edu/3579886/Deambula%C3%A7%C3%B5es_sobre_o_en_sino_de_artes_visuais_contempor%C3%A2neo_2010_livro_Ana_Mae. Acesso em: 16 out. 2019.

LAMPERT, Jociele. **Arte Contemporânea, Cultura Visual e Formação Docente**. 170f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo: 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-19112010-092340/publico/5601890.pdf>. Acesso em: 16 out. 2019.

MARTINS, Evarista Guimarães. Ensino da arte contemporânea: metodologias e possibilidades poéticas para o ensino médio. **Anais do VIII Encontro de Educadores: Pesquisas e Experiências**. Maranhão, 2019. [meio físico].

MENEZES, Marina Pereira de. A arte contemporânea como fundamento para a prática do ensino de artes. **Anais do 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais – ANPAP**. Florianópolis, 2007. Disponível: <http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/102.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020.

MONTEIRO, Fabiana Della Colleta. **Da geração 80 na arte contemporânea brasileira**: profissionalização e permanência no ambiente artístico paulista. 154f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo: 2015. Disponível: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18878>. Acesso em: 23 ago. 2019.

MONTEIRO, Fabiana Della Colleta. Geração 80: sentidos atribuídos e produção de contexto para a arte contemporânea em São Paulo. **Rev. Valise**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, ano 7, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/66671>. Acesso em: 28 nov. 2019.

NARDIN, Heliana Ometto; NITA, Mara Rosângela Ferraro. Artes Visuais na contemporaneidade: Marcando presença na escola. In: FERREIRA, Sueli (org.). **O ensino das Artes**: Construindo caminhos. São Paulo: Papirus, 2001.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Arte Contemporânea na Escola: Experiências com Professores em Formação Inicial. **Revista Digital Art**, ano V, n. 08, 2007. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero-08/trabalhos/16.htm>. Acesso em: 28 mai. 2020.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de.; FREITAG, Vanessa. Arte Contemporânea na Escola: Experiências com Professores em Formação Inicial. **Revista Digital Art&**, ano V, n.8, out. 2007. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero-08/trabalhos/16.htm>. Acesso em: 12 mai. 2020.

OPALKA, Roman. Disponível site oficial <http://opalka1965.com/>.

PAIVA, Josiane. **Ensino da arte contemporânea**: Uma experiência na Rede Municipal de Juiz de Fora. 30f. Monografia. Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais –UFMG. Belo

Horizonte, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-A9MF65/1/monografia_final.pdf. Acesso em: 28 set. 2019.

PAULINO, Rosana. **Galeria**. Disponível em: <https://www.rosanapaulino.com.br/>. Acesso em: 12 ago. 2020.

PERINI, Janini Alessandra. O processo ensino e aprendizagem das artes visuais. **Rev. Ensino & Multidisciplinaridade**, São Luís, v. 1, n. 1, jan./jun., 2015. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ens-multidisciplinaridade/article/view/3892>. Acesso em: 28 jul. 2019.

PIMENTA, Selma Garrido. FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pesquisa em educação**: possibilidades investigativas, formativas da pesquisa-ação. vol. 1. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PORTA, Paula. **Cartaz da Exposição Infinitos**: Cantoni-Crescente + Kogan, de 19 de março a 27 de julho de 2019. Disponível em: <https://ccv-ma.org.br/programacao/exposicao-infinitos-cantoni-crescente-kogan-de-19-de-marco-a-27-de-julho-de-2019/>. Acesso em: 20 jul. 2019.

RIVITTI, Thais. Anos 80 para além da volta à pintura. **Rev. Discutindo Arte**. ano 1, 2005. [meio impresso].

SABINO, Kelly Cristine. O que devemos aprender com os artistas? Notas sobre a docência em Arte. **Revista Diaphonía**. Toledo, v. 2, n. II, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/15961>. Acesso em: 24 mai. 2020.

SÃO PAULO. Unesp - Universidade Estadual Paulista. **Metodologias para ensino e aprendizagem de arte**. Rede São Paulo de Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP – Ensino Fundamental II e Ensino Médio, São Paulo: 2012. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41531/6/2ed_art_m2d4.pdf. Acesso em: 24 ago. 2019.

SEBAGH, Philippe. **Opalka romana de 1 ao infinito**. 2019. Disponível em: <http://www.graphiste-libre.com/roman-opalka-de-1-a-linfini/>

SERVIO, Pablo P.P.; QUEIROZ, Renata S. **Reflexões sobre Feminismo, Teoria Queer e Arte pós-moderna**: lambe-lambes de Maria Zeferina e Dinho Araújo em São Luís/MA.

SILVA, Bruna Grauht. **Ensino de arte e a história da arte na educação**. 2015. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/ensino-de-artes-e-a-historia-da-arte-n-educacao>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SILVA, Marcela Verônica; SILVA, Mariana Pereira da; SANTOS JUNIOR, Moisés Gonçalves dos. As vanguardas europeias na criação estética de Anita Malfatti e Cecília Meireles: Um estudo interartes. **Revista Soletras**, n. 24, jul-dez, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5033>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SILVA, Bianca Patrícia da; NEPUCENO, Margarete Almeida. Vida e Arte: arte e a crise de identidade na série “Easy”, da Netflix. **Anais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. São Luís-MA, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0116-1.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SOBRINHO, Pedro. **Coletivo de Linhas com música na Galeria do SESC**. 2017. Disponível em: <https://pedrosobrinhonews.com.br/2017/09/12/coletivo-de-linhas-com-musica-na-galeria-do-sesc/>. Acesso em: 4 dez. 2019.

SOUZA, Bianca de. **Artista de rua vira conselheira amorosa**. Disponível em: <https://vilamulher.com.br/familia/relacionamento/artista-de-rua-vira-conselheira-amorosa-7552.html>. Acesso em: 10 ago. 2020.

TEIXEIRA, Luiz Fernando Fontes. Café filosófico: a extensão do pensamento. **Revista Extensão e Sociedade**. v. 01, n. 6, ano 4, out. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/4290>. Acesso em: 10 ago. 2020.

TEIXEIRA, Ana. **Confissões**: escuta, esquecimento e voz. Disponível em: <http://www.anateixeira.com/textos/1410>. Acesso em: 10 ago. 2020.

TIBURI, Márcia. Arte Contemporânea: sobre nossa dificuldade de pensar e fazer. **As Partes – Revista do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre**, n. 07, 2012. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu_doc/as_partes_7_dez_2012.pdf. Acesso em: 29 ago. 2020.

TOLEDO JÚNIOR, Joaquim. A filosofia da arte: Entrevista com Arthur C. Danto. **Revista Novos Estudos – CEBRAP**, n. 73, São Paulo, nov. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33022005000300009&script=sci_arttext. Acesso em: 24 ago. 2020.

TOLENTINO, Igor Vieira E Sá. MORENO, Alessandra Domeniquelli. **Artes na BNCC**: reflexões psicopedagógicas. Cadernos de Educação, v.18, n. 37, jul.-dez. 2019.

VASCONCELOS, Renata Silva de. **Artes visuais contemporâneas**: ensino e aprendizagem nos cursos técnicos de nível médio do IFMA – Campus Centro Histórico. 89f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Artes – Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES), da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, 2018. Disponível em: <https://tedeabc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/2472/2/RenataSilvadeVasconcelos.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2020.

VALENÇA, Kelly Bianca Clifford. **Ensino de arte visual contemporânea**: desafios e implicações no contexto escolar. 158f. Tese. Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4997>. Acesso em: 9 mai. 2020.

VELOSO, Caetano. Oração Ao Tempo, **Álbum cinema Transcendental**, 1979. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44760>.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Cafés. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 19 de abril de 2015. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,cafes-imp-,1672523>. Acesso em: 12 set. 2019.

VILELA, Ana. Trem-bala. **Trem-bala**. São Paulo: SLAP Música, 2016.

ZAMBONI, Silvio. **A Pesquisa em Arte**: um paralelo entre arte e ciência. 4. ed. São Paulo: Autores Associados, 2012.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL PARA ALUNOS DAS TURMAS 202 E 203

CAFÉ COM ARTE CONTEMPORÂNEA: TRAMAS E POÉTICAS PARA AS ARTES VISUAIS NO ENSINO MÉDIO

A presente pesquisa, realizada no Centro de Ensino Cidade operária I, no período 2019/2020, está vinculada ao Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES/UFMA, tem por objetivo contribuir para o ensino da Arte Contemporânea no ensino médio.

A sua participação e colaboração no preenchimento desse questionário será de grande importância para a obtenção de resultados que complementarão a pesquisa, e o desenvolvimento do ensino aprendizagem das Artes.

Obrigada pela sua colaboração!

1. NOME:

2. SEXO: M____ F____

3.IDADE:

4. HÁ QUANTO TEMPO ESTÁ NESTA ESCOLA:

5. QUAL SÉRIE ESTÁ CURSANDO?.....

6. EM QUAL BAIRRO VOCÊ MORA? E O TEMPO DE MORADIA:

7. VOCE MORA COM QUEM?

() PAI E MÃE () MÃE () AVÓS () OUTROS.....

8. VOCÊ TEM _____ IRMÃ(S)

9. VOCÊ TEM _____ IRMÃO(S)

10. ESCOLARIDADE DA SUA MÃE E/OU RESPONSÁVEL FEMININO:

() ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO () ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO () ENSINO MÉDIO INCOMPLETO () ENSINO MÉDIO COMPLETO () SUPERIOR INCOMPLETO () SUPERIOR COMPLETO OU MAIS.

11. ESCOLARIDADE DO SEU PAI E/OU RESPONSÁVEL MASCULINO:

() ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO () ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO () ENSINO MÉDIO INCOMPLETO () ENSINO MÉDIO COMPLETO () SUPERIOR INCOMPLETO () SUPERIOR COMPLETO OU MAIS.

12. OS SEUS PAIS (PAI, MÃE, OUTROS) TEM CONTATO COM ALGUM TIPO DE ARTE? SE SIM, QUAL?.....

13. VOCÊ E SUA FAMÍLIA ALGUMA VEZ PARTICIPARAM JUNTOS DE UM EVENTO/ ATIVIDADE ARTÍSTICA? SE SIM, QUAL E QUANDO?.....

14. QUE TIPO DE ATIVIDADE VOCÊ PREFERE? (Pode marcar mais de um).
☐ ESPORTE ☐ TEATRO ☐ ARTES ☐ DESENHO ☐ LITERATURA ☐ OUVIR MÚSICA ☐ TOCAR INSTRUMENTOS MUSICAIS ☐ DANÇA ☐ INTERNET
☐ COMPUTADOR ☐ CINEMA/VÍDEO ☐ GRAFITEIROS ☐
 OUTRA, QUAL?.....

15. QUAIS ESPAÇOS DE LAZER VOCÊ MAIS FREQUENTA? (Pode marcar mais de um). ☐ CLUBES ☐ CASA DE AMIGOS ☐ PARQUES ☐ QUADRAS ESPORTIVAS
☐ GRUPOS RELIGIOSOS ☐ RUA, PRAÇAS ☐ LAN HOUSE ☐ SHOPPINGS, CINEMA ☐ BAILES, BALADAS, BARES ☐ FESTA DE AMIGOS, PARENTES ☐
 OUTROS, QUAL?

16. O QUE VOCÊ FAZ NO TEMPO LIVRE? (Pode marcar mais de um).
☐ ESPORTES, ACADEMIA, ETC. ☐ USO O COMPUTADOR ☐ ATIVIDADES DOMÉSTICAS ☐ LEIO ☐ OUÇO MÚSICA ☐ ESTUDO ☐ DANÇO
☐ PASSEIO ☐ NAMORO ☐ DESCANSO ☐ BRINCO ☐ ASSISTO TV ☐ VOU AO TEATRO ☐ SHOW DE MÚSICA ☐ EXPOSIÇÃO DE ARTE OUTROS, O QUE?.....

17. QUAIS TIPOS DE ARTE VOCÊ CONHECE? ESCREVA TRÊS OPÇÕES.....

18. VOCÊ JÁ FOI À UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE? ☐ NÃO ☐ SIM, EM QUE LOCAL? COM QUEM?.....

19. VOCÊ JÁ FOI AO TEATRO? ☐ NÃO ☐ SIM, QUANDO? COM QUEM?.....

20. VOCE JÁ ASSISTIU ALGUMA APRESENTAÇÃO TEATRAL? ☐ NÃO ☐ SIM, EM QUE LOCAL?.....

21. VOCÊ JÁ FOI AO CINEMA? ☐ NÃO ☐ SIM, QUANDO? COM QUEM?.....

22. VOCÊ JÁ ASSISTIU À UMA APRESENTAÇÃO DE DANÇA? ☐ NÃO ☐ SIM, EM QUE LOCAL? COM QUEM?.....

23. VOCÊ JÁ FOI À UM SHOW MUSICAL? () NÃO () SIM, EM QUE LOCAL? COM QUEM?.....

24. QUANDO FOI A ÚLTIMA VEZ QUE VOCÊ LEU UM LIVRO? () NUNCA LI LIVROS () NESTA SEMANA () SEMANA PASSADA HÁ 1 MÊS ATRÁS () 2 A 6 MESES ATRÁS () 6 MESES A 1 ANO ATRÁS () MAIS DE 1 ANO ATRÁS.

25. TEM COMPUTADOR EM CASA? () NÃO () SIM

26. TEM CELULAR? () NÃO () SIM

27. TEM ACESSO À INTERNET? () NÃO () SIM

28. O QUE MAIS FAZ NA INTERNET? (Marque somente duas opções)

() NÃO SABE OPERAR INTERNET () BATE-PAPO / FACEBOOK / WHATSAPP

() PESQUISAS E CONSULTAS () JOGOS () OUTROS, O QUÊ?

.....

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOBRE PROCESSO DE CRIAÇÃO DAS
PERFORMANCES PARA OS ALUNOS DAS TURMAS 202 E 203**

CAFÉ COM ARTE CONTEMPORÂNEA: TRAMAS E POÉTICAS PARA AS ARTES
VISUAIS NO ENSINO MÉDIO

VIVENCIANDO EXPERIÊNCIA AO LONGO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE
UMA PERFORMANCE

1 – VOCÊ JÁ ASSISTIU UMA PERFORMANCE ANTES? JUSTIFIQUE A SUA
RESPOSTA.

2 – VOCE JÁ TEVE ALGUMA EXPERIÊNCIA ANTERIOR COM A PERFORMANCE/
TEATRO? ONDE?

3 – APÓS O PROCESSO VIVENCIADO, COMO VOCÊ DEFINIRIA A PERFORMANCE
EM UMA PALAVRA?

4 – FALE-ME SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MONTAGEM DA PERFORMANCE? EM
ALGUM MOMENTO SENTIU VONTADE DE DESISTIR, POR QUÊ?

5 – POR QUE ESCOLHEU SER ESSE PERSONAGEM?

6 – COMO FOI A SUA RELAÇÃO COM O PROFESSOR E COM OS COLEGAS
DURANTE O PROCESSO DE CRIAÇÃO?

7 – O QUE TE MARCOU NESSAS RELAÇÕES? HÁ ALGUM MOMENTO A
DESTACAR?

8 – COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAR DOS EXERCÍCIOS E JOGOS TEATRAIS? O QUE TE MARCOU NESTAS ATIVIDADES?

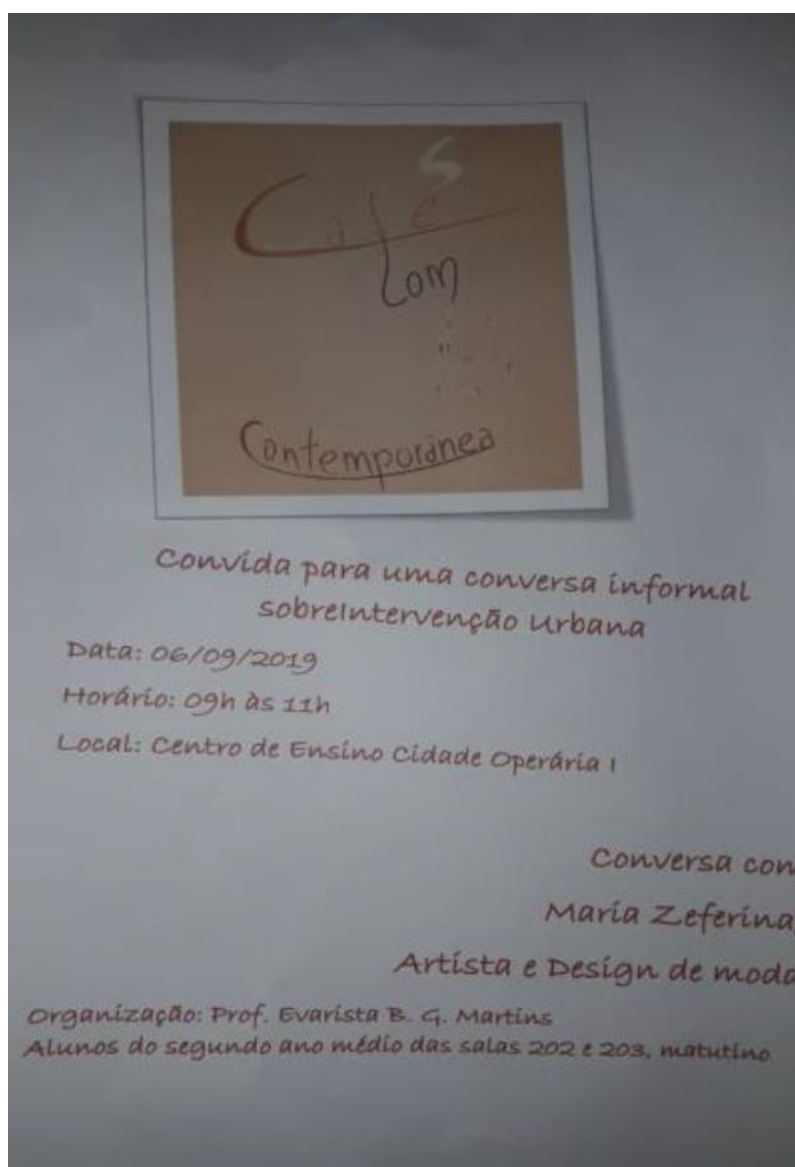
9 – VOCÊ ENCONTROU ALGUMA DIFICULDADE DURANTE OS MOMENTOS, DESDE A ESCOLHA DOS TEMAS, EXERCÍCIOS, ENSAIOS ETC.? JUSTIFIQUE A SUA RESPOSTA.

10 – VOCÊ PARTICIPOU DO “CAFÉ COM ARTE CONTEMPORÂNEA: TRAMAS E POÉTICAS PARA AS ARTES VISUAIS NO ENSINO MÉDIO”, EM QUE A CONVIDADA FOI A MARIA ZEFERINA. VOCÊ VÊ ALGUMA RELAÇÃO COM A PERFORMANCE QUE PARTICIPOU E O TRABALHO ARTÍSTICO DA MARIA ZEFERINA? JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA.

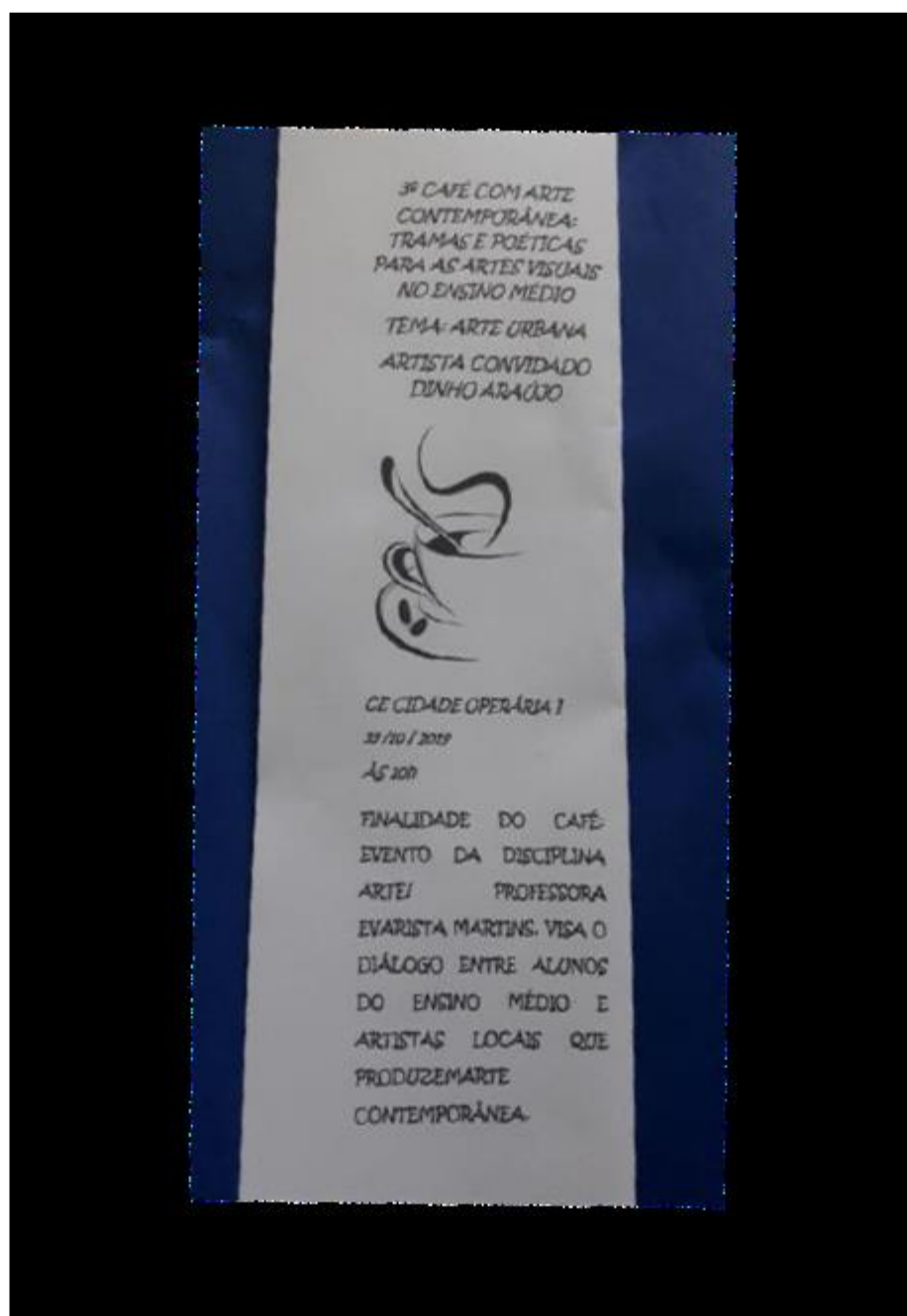
12 – VOCÊ JÁ HAVIA TIDO CONTATO COM ALGUM ARTISTA ANTES DO “CAFÉ COM ARTE: TRAMAS E POÉTICAS PARA AS ARTES VISUAIS NO ENSINO MÉDIO”? OU ALGUÉM DA SUA FAMÍLIA? EM QUE MOMENTO?

13 – QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE ARTISTA ANTES DO “CAFÉ COM ARTE: TRAMAS E POÉTICAS PARA AS ARTES VISUAIS NO ENSINO MÉDIO”? E DEPOIS, MUDOU ALGO? O QUÊ?

APÊNDICE C – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO “CAFÉ COM ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA”, COM A ARTISTA MARIA ZEFERINA



APÊNDICE D – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO “CAFÉ COM ARTE CONTEMPORÂNEA NA ESCOLA”, COM O ARTISTA DINHO ARAÚJO



APÊNDICE E – FOLDER DAS PERFORMANCES “EU SOU VOCÊ!!” E “AMARRE-SE À LIBERDADE!!”



APÊNDICE F – CARTAZ DAS PERFORMANCES “EU SOU VOCÊ!!” E
“AMARRE-SE À LIBERDADE!!”

